

Sermonário da Semana de Oração Jovem

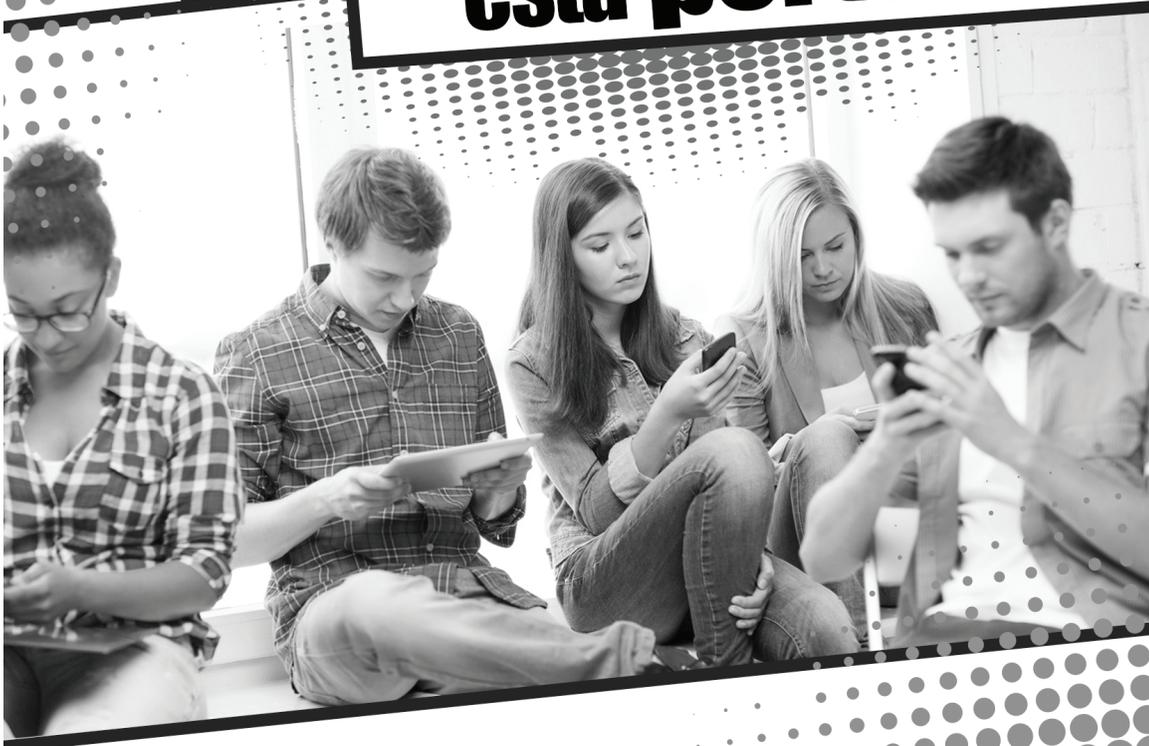
o Reino de Deus está perto

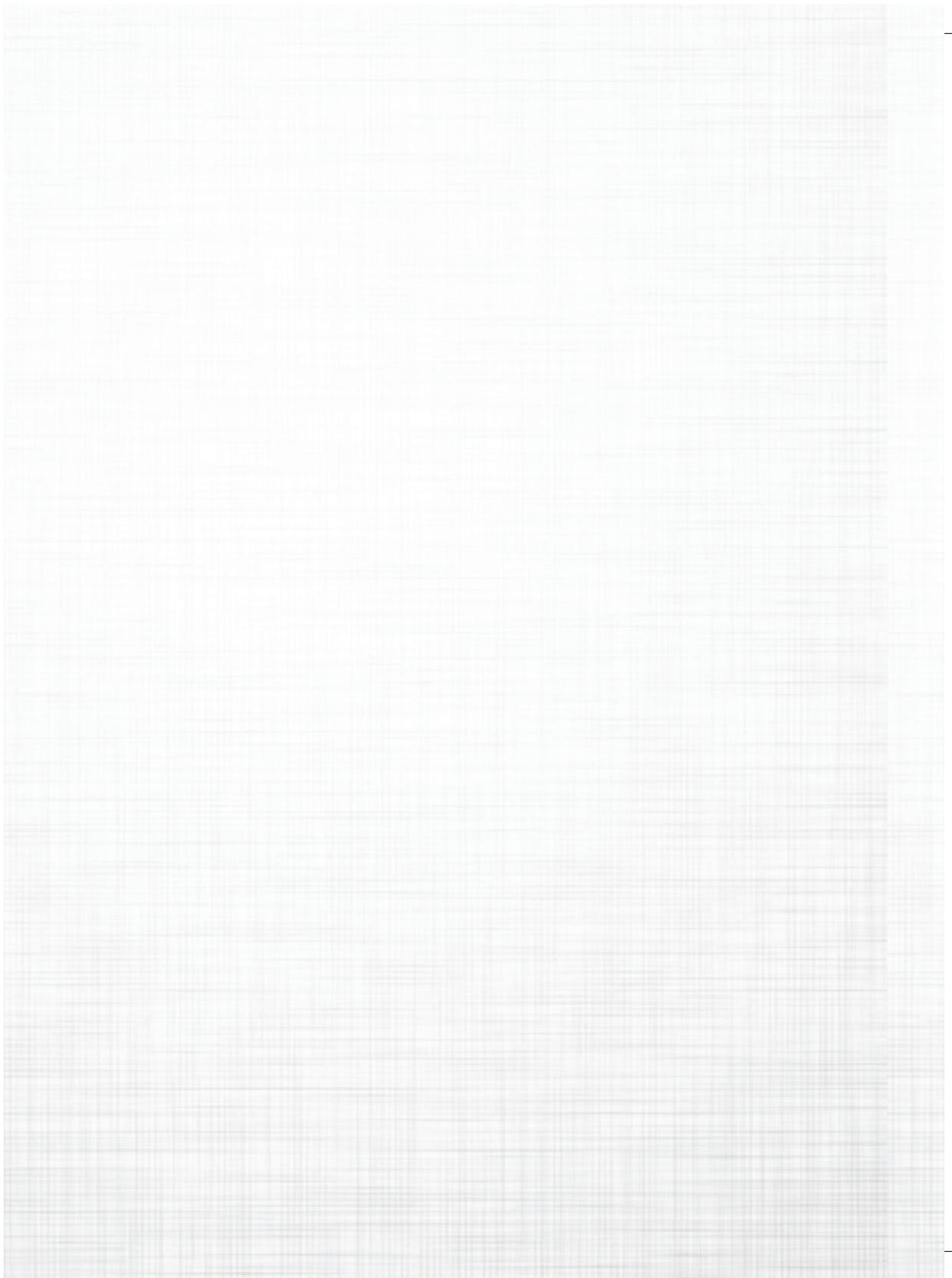






**o Reino de Deus
está perto**







Gilbert Cargy

Atual departamental de jovens da Associação Geral,
nomeado para o período de 2010 a 2015.

Expediente

Edição

Ministério Jovem Divisão Sul-Americana

Autor

Pr. Gilbert Candy - AG

Coordenação

Pr. Areli Barbosa – DSA

Revisão

Departamento de Tradução DSA

Arte e Diagramação

Kassandra Vargas

Realização

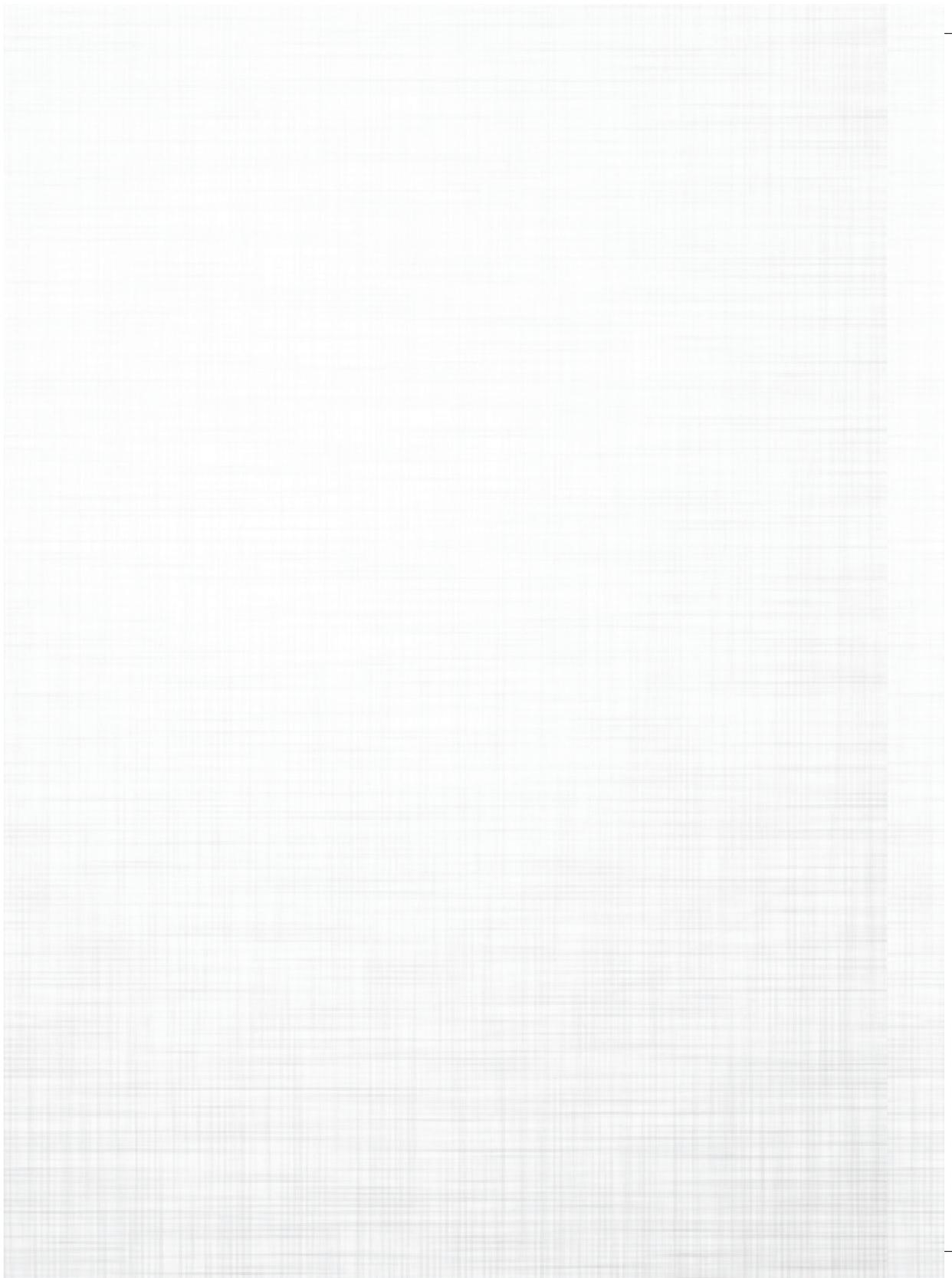
DSA Media Center

Ano

2014

Índice

Introdução.....	9
Começou.....	11
Fábula, Conto de Fadas ou Realidade.....	19
Transformando o Mundo.....	27
Os valores culturais contrários.....	37
Uma mesa na terra, uma mesa no Céu.....	45
Está dentro de você!.....	51
A Semente de Mostarda.....	57
Uma parábola para a comunidade.....	57
Somente pela Graça.....	65



Introdução

Bem-vindos à Semana de Oração dos Jovens de 2014.

Em consulta com os Diretores de Jovens do campo mundial, decidimos estender o tema de 2013, “A Missão e o Serviço” para 2014. No ano passado, para a Semana de Oração, enfocamos a justiça social e o significado de sermos agentes de transformação na sociedade, como uma extensão da missão de Jesus, em antecipação de como será glorioso o Reino de Deus.

As leituras do ano passado coincidiram com o lançamento do Dia Global da Juventude e, de igual forma, neste ano, o primeiro sábado da Semana de Oração, marca o segundo ano do Dia Global da Juventude.

Neste ano estudaremos o mesmo tema do Reino de Deus, mas de uma perspectiva diferente. Estudaremos a centralidade do Reino de Deus nos ensinamentos de Jesus e o que ele significa para nós hoje, como jovens.

Eu estava no segundo ano de meus estudos em Teologia, na Universidade de Avondale. Trabalhava no turno da noite na fábrica do Sanatório quando o supervisor me perguntou se eu poderia resumir a missão de Jesus em seis palavras; e estas deveriam ser as palavras de Jesus. Depois de várias tentativas, tive de me render. Simplesmente não sabia. Ele me repreendeu e, orgulhosamente, me enviou para Marcos 1:14-15.

Marcos descreve o início do ministério de Jesus nas seguintes palavras:

“Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.”

Marcos assinala o momento em que Jesus iniciou seu ministério na Terra; a proclamação do evangelho de Deus. Chegara o momento significativo na história da salvação, e Ele definiu a essência do evangelho de Deus: “O reino de Deus está próximo”. Aqui entendemos “próximo” como significando literalmente que ele se aproximou, que está ao alcance das mãos, ou que está ao alcance.

Jesus descreve o propósito de Sua vinda a este mundo com as seguintes palavras, cujo tema permeia o Novo Testamento como seu motivo fundamental.

“Sendo dia, saiu e foi para um lugar deserto; as multidões o procuravam, e foram até junto dele, e instavam para que não os deixasse. Ele, porém, lhes disse: É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado. E pregava nas sinagogas da Judeia.” (Lucas 4:42-44)

“E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas,

pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades.” (Mateus 9:35)

LUCAS 9:1-2 – ELE ENVIOU OS DISCÍPULOS PARA FAZEREM O MESMO

“Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas. Também os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos.”

ATOS 1:3 – ELE PASSOU SEUS ÚLTIMOS 40 DIAS NA TERRA FALANDO ÀQUELES A QUEM ENCARREGARA A COMISSÃO

“A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.”

ATOS 8:12 E ATOS 28:33-31 – A ESSÊNCIA DA PROCLAMAÇÃO APOSTÓLICA

(8:12) “Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres.”

(28:30-31) “Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.”

MATEUS 24:14 – A MENSAGEM QUE DEVE SER LEVADA A TODO O MUNDO ANTES DO FIM.

“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.”

A mensagem dos Três Anjos que se encontra no coração da missão dos adventistas do sétimo dia está no contexto do evangelho eterno.

“Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo.” (Apocalipse 14:6)

A Semana de Oração explorará o tema do Reino de Deus e chamará a atenção dos leitores, especificamente, para sua realidade presente à luz da culminação escatológica. Como adventistas, temos enfatizado devidamente o glorioso cumprimento (ainda não concretizado) de nossa esperança. Esta Semana de Oração enfocará as implicações de nossa “bendita esperança”, em nossos dias.

Os autores usarão a proclamação e a demonstração de Jesus no Sermão do Monte; nas Parábolas e nos Milagres. A ênfase será: “podemos entrar nessa espécie de vida eterna agora, enquanto o tempo se encaminha para a eternidade”. Entremos hoje, sejamos transformados e tomara Deus que nossas comunidades de fé sejam janelas – a antecipação da pronta e gloriosa vinda do Reino de Deus.

Dia 1

Começou

Por Kessia Reyne Bennett
Marcos 1:14-15

Vivemos em um cosmos louco e em conflito. O mundo dá testemunho da controvérsia que ruga ao nosso redor e em nosso interior. Os poderes do bem e do mal batalham pelos corações humanos e pelos assuntos terrestres. Este mundo é um campo de batalhas sangrentas, de zonas em guerra e de lares desfeitos, de debates e de terremotos, da pobreza e da ansiedade, do desmatamento e da exploração humana.

Virá algo melhor – e muito em breve! Jesus vem logo para tornar novas todas as coisas. “Temos essa esperança que arde em nosso coração, a esperança da vinda do Senhor.” O grande dia da volta de Jesus, do término do conflito. Finalmente estaremos no Céu! Aleluia!

Porém, por enquanto, “ainda” vivemos aqui. Por enquanto ainda vivemos no intervalo entre o Éden perfeito da Criação e o Éden restaurado da recriação. Por enquanto, embora nosso coração aneje pelo Céu, nossos pés estão firmemente presos na sujeira deste cosmos louco e no conflito.

Oh, como seria bom se o Céu começasse agora...! Seria possível? Será que Deus poderia trazer o Céu à Terra, um pouco antes do programado, a fim de que pudéssemos desfrutar desse reino agora? Você consegue imaginar o Céu começando aqui? Isso é o que anelamos, não é mesmo? Assim sendo, se seguirmos o exemplo de Jesus, nosso Senhor, oraremos: “Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu.” (Mateus 6:10) Oh, se tão somente pudéssemos viver agora no Céu!

Mas a boa notícia é que ...! Bem, não quero estragá-la. Vou deixar que Jesus mesmo a conte. Procurem comigo Marcos 1:14-15. Vejam as boas novas de Deus! “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.” Jesus estava proclamando, pregando e anunciando as boas notícias de Deus. E quais eram essas boas notícias? “O tempo está cumprido” e “o reino de Deus está próximo”. As boas notícias que Jesus estava proclamando continuam sendo as boas notícias para hoje! “O tempo está cumprido” e “o reino de Deus está próximo.”

O tempo está cumprido

Jesus disse que o tempo estava cumprido. Que relógio estava marcando esse tempo? Algum relógio luxuoso do primeiro século? Ou talvez Ele pegou Seu telefone celular para ver a hora? Esse não é o tipo de hora que lhes diz que vocês devem ir para a próxima aula, nem o tipo de relógio que lhes diz que já é hora de se levantarem, porque vocês já desligaram o despertador por três vezes e se não se levantarem agora irão perder o ônibus! Não. O tipo de hora a que Jesus se referia é aquela que está tecida na esperança, o tipo de hora que Deus marcou desde as eras passadas; o tipo de hora que marca o ritmo do plano da redenção – é a hora no tempo profético.

Esse relógio profético começou a marcar os segundos, assim que Eva e Adão comeram do fruto da árvore proibida, levando assim o mundo a uma escuridão inconcebível. Ali mesmo, no Jardim do Éden contaminado, o Senhor fez uma promessa, dizendo a Eva que seu descendente esmagaria a cabeça de Satanás, seu inimigo (Gênesis 3:15). Na sua primeira gravidez, Eva pensou que chegara a hora e que Caim era o Prometido. Mas o tempo não se havia cumprido. E Deus manteve viva a esperança. Ele seguiu fazendo a estranha promessa de um Filho que salvaria o mundo; de que Deus iria habitar entre os homens; e as promessas do reino de Deus, no tempo do fim – promessas de paz e de fartura; de saúde e de vida eterna, sem fim.

Nos dias de Abraão, o tempo ainda não havia chegado. Nos dias de Moisés, o tempo não havia chegado. Nos dias de Isaías, ainda não havia chegado o tempo. Nos dias de Daniel, ele ainda não chegara. Nos dias de Malaquias, o tempo ainda não havia chegado.

Mas, cumprindo-se o tempo em sua totalidade, Deus enviou Seu Filho ao mundo. O tempo havia chegado. “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,” (Gálatas 4:4). Uma virgem concebeu; um bebê nasceu – pobre, humilde e perfeito. Um menino cresceu e se tornou homem, e esse homem, Jesus, começou a proclamar em alta voz: “O tempo está cumprido”. O tempo se cumpriu. A Esperança dos séculos, o Desejado das Nações, o anelo de cada coração humano, desde Eva até Maria e até você – Ele veio. Emanuel: “Deus conosco”. Jesus: “Salvador”. O tempo se aproximou! A sabedoria dos videntes e as palavras dos profetas se cumpriram. O tempo se aproximou! Em Jesus, Deus cumpriu todas as promessas feitas à humanidade com respeito à Sua presença, Sua ação e Seu reinado. A rica beleza e a profunda bondade do reino de Deus tinham sido, até então, apenas promessas. Mas agora o tempo se cumprira! Em Jesus, Deus está avançando para “a promessa”, para o “cumprimento”. O reino de Deus se aproximou, está ao nosso alcance.

Sim, o reino de Deus se aproximou. Satanás é conhecido nas Escrituras como o príncipe deste mundo, o deus desta era. Ele usurpou e reclamou para si o senhorio de Jesus, como Criador deste planeta, quando nossos primeiros pais pecaram e fizeram com ele aliança. Mas Deus, em Seu amor e em Sua compaixão, concebera um Plano de Salvação antes que fossem lançados os fundamentos da Terra; quando o tempo se cumpriu em sua plenitude, Ele deu passos decisivos para entrar neste mundo e nos curar de nossa cegueira, para abrir nossos olhos à realidade de seu reino celestial; para nos prover o caminho pelo qual seguir. O “deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.” (2 Coríntios 4:4) Com a vinda de Jesus, um pouquinho do Céu brilhou na terra; a dimensão celestial abriu passo em nossas realidades terrenas. Em Jesus, o reino de Deus se aproximou.

O reino de Deus

Quando ouvimos Jesus anunciar algo tão extraordinário como o reino de Deus, queremos conhecer alguns detalhes específicos. O que ele é? Como ele é? Marcos nos oferece um índice desse reinado. Ele não nos dá os ingredientes, como se fosse um livro de receitas. De forma magistral, em vez de nos dizer o que é o reino de Deus, Marcos escreve o evangelho para nos mostrar o que ele é.

Observemos o que Jesus faz e veremos do que se trata o reino.

No primeiro capítulo, versos 16-20, Jesus chama Simão, André, Tiago e João. Ele começa a reunir uma comunidade que, desde o início, tem o enfoque de alcançar os demais. “Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram.” (Marcos 1:17, 18)

No verso 20, Jesus ensina as pessoas reunidas na sinagoga.

Nos versos 21-26, Jesus expulsa um demônio.

Nos versos 29-31, Jesus cura a sogra de Pedro, que padecia de uma febre terrível.

Nos versos 32-34, Jesus cura um enfermo possesso de um demônio.

No verso 35, Jesus Se levanta de madrugada, antes do amanhecer, para Se comunicar com o Pai em oração. Então começa novamente a viajar, a ensinar, pregar e a curar.

No capítulo 2, Jesus perdoa, publicamente, os pecados do paralítico e o cura. Jesus fala com um odiado coletor de impostos e come na sua casa com os párias daquele povo. Então, reclama o sábado dizendo que ele “foi estabelecido por

causa do homem, e não o homem por causa do sábado”, e anuncia a Si mesmo como o “Senhor do sábado”.

No capítulo 3, Jesus cura nesse dia, restaurando o sábado a seu propósito de cura. Em seguida, chama os doze apóstolos e envia-os para pregarem o evangelho e e dá-lhes o poder de expulsar demônios.

No capítulo 4, Ele ensina repetidas vezes a respeito dos mistérios do reino – como não sendo desde mundo, onde não serão exercidas a força e a violência. Ensina como o reino deve ser compartilhado, como ele cresce e como ele opera mediante o poder de Deus; como ele inicia pequeno, e como cresce até se tornar grande.

Então, Marcos começa a demonstrar o poder do reino de forma muito importante. No capítulo 4, Jesus acalma a tempestade. Com apenas algumas palavras, Ele silencia o vento e domina a tormenta. Jesus é o Senhor do mundo natural. Então, no capítulo 5, Marcos nos conta como Jesus trouxe salvação ao caso perdido e desajudado do homem possuído por uma legião de demônios. Com o poder de Sua Palavra, Ele libertou o lunático e venceu a fortaleza do poder demoníaco. Jesus é Senhor do mundo espiritual. Então Jesus cura uma mulher que estivera enferma por mais de doze anos, com uma doença incurável. E, então, ENTÃO, Jesus ressuscita uma menina de doze anos, devolvendo-lhe a vida e restaurando a alegria dos pais. Jesus é Senhor sobre a morte.

E assim a história de Jesus segue sem fim, demonstrando o reino de Deus neste mundo. O que é ele? É comunidade; é alcançar os demais; é liberdade do poder demoníaco; é cura física; é o perdão dos pecados; é a doutrina verdadeira; é uma experiência do sábado; é o livramento do medo; e é a esperança além da enfermidade e da morte; é comunhão com Deus e é comer com os pecadores. Em Jesus, o reino de Deus está próximo. Um pouco do Céu brilha sobre a Terra; a dimensão celestial irrompendo em nossas realidades terrestres. Aqui começou o Céu. “O tempo está cumprido. O reino de Deus está próximo”.

Se tão somente pudéssemos começar a viver no Céu agora.... Nós podemos! Porque, em Jesus, o Céu começou aqui.

Então, como podemos viver no Céu agora? Também a isso Jesus nos responde? dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.” (Marcos 1:15) Como podemos viver agora a vida do reino? “Arrependei-vos e crede no evangelho”, são as boas notícias!

Vivendo o Céu agora

Deus tem Sua forma de falar a nós em nossos momentos de necessidade, quando nossas esperanças e nossos sonhos terreaux falham. Ele nos desafia por meio das profundas impressões do Espírito Santo para que consideremos o

que Ele nos tem a oferecer e Ele nos abre os olhos da cegueira que o “deus deste mundo” nos provocou. À luz da bondade de Cristo, podemos ver nossa maldade e nos lançarmos à Sua misericórdia. Pedimos-Lhe o arrependimento, e Ele no-lo dá; mudança de mente, de coração e de vida. Arrependermo-nos é darmos a volta, é soltarmos o pecado e nos agarrarmos ao Salvador. Já não caminhamos em nossos caminhos, mas nos caminhos do Senhor. Já não somos donos de nossos planos, mas escolhemos Jesus como nosso Senhor. Por meio do batismo da água para a purificação e do batismo do Espírito para a transformação e capacitação, somos levados à nova vida no reino de Deus.

Algumas vezes, temos a ideia equivocada de que devemos nos arrepender antes de irmos a Jesus. Pensamos: “PRIMEIRO tenho de me arrepender do pecado; sentir dor pelo pecado e reformar minha vida. ENTÃO, posso voltar-me a Jesus e receber a Sua graça.” Mas não há nada que seja mais insensato do que isso! O arrependimento não se interpõe entre o pecador e o Salvador. Não é um obstáculo que temos de transpor antes de chegar a Jesus. Não! Não é assim. O arrependimento é um dom, um presente que recebemos de Sua mão. Temos que ir a Jesus para recebermos o arrependimento! Ele nos diz: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.” (Mateus 11:28) Portanto, podemos ir a Jesus fatigados e sobrecarregados e pedir-Lhe o dom do arrependimento. “Jesus, faze-nos ver o pecado como Tu o vês. Faze-nos ver a beleza da santidade como Tu a vives. Jesus, dá-nos o arrependimento.”

Como entramos no Céu que Jesus aproximou para nós? Vejamos o reino de Deus na Terra como uma rede de postos avançados, grandes e pequenos, no território inimigo. Em cada um desses postos estão coisas maravilhosas: alimentos saborosos e delicados; camaradagem afetuosa, cura e bem-estar; paz e gozo. Ao ouvirmos o que há nesses postos, claro que queremos entrar. Entramos animosamente, ouvindo o som de risos e de alegria, quase saboreando os deliciosos pãezinhos com amêndoas. Porém, quando tentamos cruzar o umbral, somos detidos.

“Qual é o problema? Por que não posso entrar?”

“Amigo, antes de entrar neste lugar você terá de depor suas armas.”

O arrependimento é o depor de nossas armas. É o humilhar nosso coração rebelde diante do Rei; é o depor de tudo o que críamos nos pertenciamos por direito; é receber em troca os seus melhores dons.

“O tempo está cumprido” – Jesus proclamou, “e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.”

A segunda condição para poder experimentar o Céu na terra é crer no evangelho, confiar na mensagem de Jesus. Crer e confiar. Parece demasiado simples, demasiado fácil, não é mesmo? Sim, é assim simples. Creia e confie na mensagem e experimente o Céu na Terra. Quando pomos nossa confiança em Deus o Pai, em Deus o Filho e em Deus o Espírito Santo, abrimos a porta

para que Eles entrem em nossa vida de forma profunda e significativa. Em vez da solidão, encontramos companheirismo. Em vez de desassossego, encontramos descanso. Em vez do vazio, temos abundância. Em vez da confusão, encontramos propósito. Em vez da enfermidade, encontramos cura. Em vez do erro, encontramos a verdade. Em vez do egoísmo, encontramos o amor. Em vez do desespero, encontramos a esperança.

“O tempo está cumprido” – Jesus proclama. “e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.” Em Jesus, o Céu começou aqui. Soltamos o pecado e nos aferramos a Jesus, porque Ele é a Porta para o Céu agora e no porvir. Ele é o Caminho para o Céu, agora, e no porvir. Ele é a Luz do Céu, agora e no porvir. Em Jesus o Céu já começou aqui.

No livro *O Desejado de Todas as Nações*, a escritora inspirada, Ellen G. White, apresenta essa ideia de forma muito bonita: “Quando por meio de Jesus, entramos no repouso, o Céu começa aqui. Atendemos-Lhe ao convite: Vinde, aprendei de Mim; e assim fazendo começamos a vida eterna. O Céu é um contínuo aproximar-se de Deus por intermédio de Cristo. Quanto mais tempo estivermos no céu da bem-aventurança, tanto mais e sempre mais de glória nos será manifestado; e quanto mais conhecermos a Deus, tanto mais intensa será nossa felicidade. Ao andarmos com Jesus nesta vida, podemos encher-nos de Seu amor, satisfazer-nos de Sua presença. Tudo quanto a natureza humana é capaz de suportar, é-nos dado receber aqui.” (p. 230)

Assombroso! Para os que confiam na mensagem de Cristo, a vida eterna começa aqui. Apenas ela irá melhorar infinitamente mais quando Jesus voltar e a terra for recriada e Deus estabelecer Seu lar aqui para sempre, quando moraremos na luz. Não podemos nem mesmo imaginar as maravilhosas excelências da vida na nova terra. Os Céus da eternidade estão além do que possamos desejar! Desde agora podemos começar a desfrutá-lo aqui. Desde agora podemos desfrutar de um grande bocado do Céu! Conhecer a Jesus, desfrutar de Sua presença, confiar em Sua mensagem: O céu já começou aqui.

O reino em ação

Este sermão foi ampliado, mas aquele que Jesus proferiu foi curto: “O reino está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.” Iremos nos arrepender? Entraremos no reino agora? Se dissermos que sim, se depusermos nossas armas, entraremos nas delícias de Sua camaradagem. Esta é a minha oração.

E este cosmos louco e conflituoso necessita que assim respondamos. Este mundo está cheio de dor, cheio de erro e confusão, cheio de gente ferida pelo pecado e presa ao desespero, cheio de pessoas cativas do inimigo, gente

perdida na solidão. Essas pessoas necessitam que digamos “sim” a Jesus e que nos convertamos em agentes do reino que está próximo. Que nós possamos ajudá-las para que também venham ao Céu que começou aqui.

Quando contemplamos a vida de Jesus, vemos Seu reino em ação. É comunidade, é alcançar os demais; é liberdade do poder demoníaco, é cura física, é o perdão dos pecados, é a doutrina verdadeira, é uma experiência de sábado, é liberdade do medo e é esperança além da enfermidade e da morte; é comunhão com Deus e é comer com os pecadores.

Um dia, muito em breve, Jesus voltará para concluir o que começou aqui. Ele irromperá no Céu com a trombeta do arcanjo. Ele ressuscitará os mortos que depositaram sua fé e confiança nEle e, juntamente com os crentes que estiverem vivos, eles serão elevados para se encontrarem no ar com Ele, rumo ao Céu. Ele prenderá Satanás nesta terra por mil anos, durante os quais todos os santos no Céu terão o privilégio de perscrutar a sabedoria de Deus e Seus justos juízos. No fim dos mil anos, Jesus voltará novamente à terra para purificá-la e recriá-la. Ao Jesus e seus santos anjos se aproximarem da terra todos os que morreram rejeitando e desafiando a Deus serão ressuscitados e se unirão a Satanás em seu intento de impedir o ato culminante da purificação de Deus. Então, todos serão consumidos pelo fogo purificador de Deus e então Ele renovará a terra para ser nosso lar eterno. Apocalipse 21:1-4 diz:

“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.”

Quão feliz será o Céu! Que maravilhosa alegria!

Porém, entretentes, queira Deus que nunca jamais nos esqueçamos que, em Jesus, o Céu começou aqui. Amigos, vocês desejam aceitar essa promessa? Estão dispostos a deporem as armas e a entrarem no posto avançado? “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.” (Marcos 1:15)

Dia 2

Fábula, Conto de Fadas ou Realidade

Por Kessia Reyne Bennett
Mateus 11:4-5; Filipenses 3:4-8

Vocês sabiam que um dos maiores eventos da história ocorreu no fim de abril de 2011? Sem dúvida, estou certa de que esse foi um momento de que todo o mundo se recorda. Foi um daqueles momentos que, mesmo daqui a vinte anos, estaremos falando dele com a frase: “Você se lembra onde você estava quando...?”

Que evento foi esse? Foi o dia em que um tal Príncipe William, Duque de Cambridge, se uniu em santo matrimônio com uma tal Catherine Elizabeth Middleton. O casamento real foi o evento mais observado da história, assim como o de seu pai, na década de 80. Segundo as estatísticas, as bodas foram observadas por cerca de dois bilhões e meio de pessoas, aproximadamente 35% da população da Terra. Isso significa que uma em cada três pessoas no planeta assistiu às bodas.

Criado para um reino

Como alguém que observa o transcurso da vida, sinto-me obrigado a perguntar: “O que fez com que esse evento atraísse a atenção de tantas pessoas?” Ao pensar nisso por várias semanas, cheguei à conclusão de que nós, seres humanos, raça humana, desejamos viver as páginas de nosso próprio conto de fadas. Temos inscrito em nós, talvez em nosso DNA, essa ânsia de fazer parte de outra história. Todos nós, em algum momento, ansiamos viver como parte integral dessas histórias fantásticas. Certa vez o escritor C. S. Lewis disse: “Se em nosso coração há anelos que nada neste mundo pode saciar ou satisfazer, isso apenas pode significar uma coisa: Fomos feitos para outro mundo.”

Quando éramos crianças, criamos nesse outro mundo, nessa outra história, que se parecia a um conto de fadas! O Dicionário Webster define conto de fadas como “contos (para crianças) que envolvem forças e seres fantásticos – histórias nas quais eventos improváveis levam a um final feliz.”

Eu acreditava em todos os tipos de contos: Papai Noel, coelho da Páscoa e até na fada do dente. Mas já cresci e não mais acredito nesses contos. Agora tenho melhor discernimento. Agora sou instruído. Dois títulos nas paredes de meu

escritório e muitos anos de experiência me ensinaram que os contos de fadas simplesmente são demasiadamente bons para serem verdade. Ninguém vive feliz para sempre – quinze minutos assistindo ao noticiário nos confirmam isso – a fome, as doenças, o tráfico de pessoas, as catástrofes naturais, o terrorismo e o divórcio, etc. Este mundo é um lugar muito mau e os contos de fadas da infância e de minha infância desvaneceram.

Porém, o interessante é que leio histórias bíblicas para meus filhos. Não quero que eles deixem de sonhar sonhos reais, nem que deixem de aprender a respeito dos verdadeiros heróis. Não obstante, quando leio essas histórias, noto que minha mente divaga, ansiando, esperando e ainda temendo. Pego-me desejando que a vida nos garanta que haverá um final, onde todos viverão felizes para sempre. Mas também me pego temendo diante da possibilidade de que meus filhos deixem de crer.

Um conto de duas histórias

Vou contar-lhes duas histórias. A primeira é a respeito da realidade deste mundo – da vida que enfrentamos diariamente – da vida aparentemente mundana, das tensões incríveis, das contínuas decepções e das expectativas dolorosas que enchem nossos dias. Mas também há outra possibilidade, esta outra história, talvez esta outra realidade – uma que parece ser, para fins práticos, como se fosse um conto de fadas, mas na qual vale a pena crer, porque é verídica. Minha esperança, meu desejo, minha oração é que ao contar novamente essas duas histórias, seus olhos possam se abrir e escolham viver outra história, que chamaremos de “A História do Reino”.

Em algum momento, a todos nós ocorre de um dia nossos contos de fadas morrerem. Algo acontece quando o tapete sob nossos pés é puxado e a nossa ilusão é roubada: O divórcio de nossos pais, a morte de um amigo, um professor bem-intencionado nos diz que realmente não podemos ganhar a vida por meio de nossa arte. Possivelmente, recebemos o diagnóstico de “depressão” ou algum outro desafio da saúde mental. Ou talvez, simplesmente “crescemos” e obtemos uma educação. O que quer que seja, acontece a quase todos. A maioria de nós responde a essa grande perda apertando o cinto e procurando tirar o melhor proveito possível da vida. Negociamos os castelos e os cavalos do passado por carros esportivos e por um escritório de equina e uma casa de campo. Perseguimos os títulos para que façam com que nos sintamos importantes e compramos jogos de adultos que nos ajudam a esquecer o vazio. Alguns bebem para adormecer a alma, ou buscam relações insignificantes, reais ou virtuais, para, pelo menos, fingir a ilusão da intimidade. Ou talvez nos lançamos na religião e procuramos a “vida perfeita” ou, pelo menos, “a aparên-

cia de perfeição”. Buscamos o cônjuge perfeito e dois filhos. Uma vez mais somos capturados para crermos que se formos suficientemente insistentes, se agirmos suficientemente bem, se trabalharmos o suficiente, isso nos levará ao pleno significado da vida.

Em um estudo realizado em 2012, pelo Instituto de Educação Superior, foi revelado que 78,1% dos estudantes do primeiro ano do curso superior acreditam que o “estar bem economicamente”, é o mais importante em sua vida.

Oras, “estar bem economicamente” e possuir coisas ou objetos não é mau em si mesmo. O problema está em nós. Deixamos de acreditar na “história do reino” e, por isso, nos desviamos daquilo que é mais importante na vida. Buscamos significados nos lugares que não têm significado. Fazemos a nós mesmos perguntas importantes como: “Quem eu sou? Qual é o meu propósito? Qual é o significado da vida?” Mas as respostas que encontramos na realidade deste mundo ainda nos deixam vazios. O que desejo dizer é: “Como será se conseguirmos tudo o que jamais sonhamos ter, e depois nos darmos conta de que esse caminho nos leva a lugar nenhum?”

Tom Brady, jogador de futebol americano pelo New England Patriots, um dos jogadores mais bem pagos nessa modalidade esportiva, disse certa ocasião em uma entrevista televisiva: “Por que é que, embora eu tenha três anéis dos campeonatos do Super Bowls dos quais participei, ainda penso que lá fora há algo mais para mim? Ou seja, possivelmente muitas pessoas me dirão: ‘Cara, é isso aí.’ Eu alcancei minha meta, meu sonho, minha vida. Eu? Penso: ‘Tem que ter algo mais do que isso.’ Ou seja: Isto não é – não pode ser – tudo o que procuro ser.” (Entrevista televisiva por CBS TV.)

O ator Brad Pitt respondeu à pergunta se havia alcançado o sonho americano, ao dizer: “Eu conheço todas essas coisas que supostamente parecem importantes para nós – os automóveis, os apartamentos nos condomínios, nossa versão do sucesso – mas se esse for o caso, por que é que o sentimento geral reflete que há mais impotência, mais isolamento, mais desespero e mais solidão? Se me perguntarem eu direi? Joguem tudo isso fora, temos de encontrar algo melhor. Tudo o que sei é que neste momento estamos em um beco sem saída, entorpecidos, em uma total atrofia do ser espiritual. Não é isso o que eu quero.” (Publicado na Revista Rolling Stone)

Bem, e se a realidade que podemos ver com os nossos próprios olhos, a fome, as doenças, a falta de significado, a dor – e se esta não for a nossa história verdadeira? E se a vida que muitos estão vivendo for simplesmente uma fábula... uma falsidade, uma mentira, o resultado de uma maldição. E se nossa resposta à nossa busca de significado depender de nossa habilidade de crer na “história do Reino”?

Para explorar essa outra realidade, este “outro reino” temos de recorrer a um livro antigo. Para dizer o mínimo, é o livro mais controverso que já foi escrito.

De fato, alguns quiseram classificá-lo como “um conto de fadas”, cheio de “contos irreais”, com ensinamentos artificiais. Alguns dizem que são demasiado inteligentes e instruídos para crer em tais ideias ridículas. Robert Ingersoll, um agnóstico do século XIX, disse: “Sempre pensei que [este livro] deveria vir com uma advertência no início, anunciando ao leitor que se trata de uma ficção e não de fatos.” Mas, para dizer a verdade, centenas de milhares morreram para assegurarem que este livro e suas histórias passassem de geração a geração, por milhares de anos. Nenhum outro livro foi preservado tão cuidadosamente ao redor do mundo. Este livro é muito mais que um ‘conto de fadas’. Antes, este livro guarda o segredo para se viver uma vida significativa.

Vou apresentar-lhes uma versão compacta da história.

Era uma vez uma terra escura e um Criador repleto de amor. Para compartilhar esse amor, Ele veio e criou a luz e a vida. Ele trouxe o mundo à existência com Sua palavra. Então, criou sua criação mais amada. Criou-a à Sua própria imagem e semelhança. Criou o homem e a mulher, e lhes deu o presente mais maravilhoso, ainda que implicasse um grande risco. Ele lhes deu o livre arbítrio: a capacidade de fazer as próprias escolhas, a possibilidade de escolher ou de rejeitar seu Criador. Essa era a única forma de eles O amarem livremente. Tudo ia muito bem; a vida era repleta de amor, de propósito e de significado, até que uma serpente falante entrou em cena. Ela mentiu sobre a criação e levou-os a questionarem os propósitos do Criador. Passaram a duvidar da bondade do Criador e assim comeram do fruto, doce por fora e amargo por dentro, trazendo uma maldição sobre si mesmos e sobre o mundo. A maldição suscitou a dor, o trabalho árduo, o sofrimento, a enfermidade, a rejeição e a morte. Foi perdida a capacidade de se comunicar com o Criador no Jardim, na viração do dia. O paraíso foi perdido. Muitos foram os acontecimentos ao longo do caminho, mas o Criador nunca abandonou Sua criação; nunca. Seu amor por eles não permitia isso. Na verdade, o Criador, finalmente, fez algo ainda mais surpreendente do que Sua primeira dádiva – o livre arbítrio. No devido tempo, enquanto os seres criados ainda eram incapazes de salvarem a si mesmos da maldição, o Criador veio a este planeta e Se tornou um de Sua criação. Ele deixou o paraíso, sacrificou Sua própria vida para entrar no mundo da maldição a fim de nos introduzir a uma nova história.

“Quando Deus deu Seu Filho ao nosso mundo, dotou os seres humanos com riquezas impercíveis - riquezas diante das quais as entesouradas fortunas dos homens desde o princípio do mundo nada são. Cristo veio à Terra e esteve perante os filhos dos homens com o acumulado amor da eternidade, e esse é o tesouro que, mediante nossa ligação com Ele, devemos receber, revelar e comunicar.” (Maravilhosa Graça, MM 1974, p. 14)

Os quatro evangelhos, juntamente com os estudiosos modernos, parecem concordar que o tema central de Jesus em todos Seus ensinamentos foi a proclamação

da vinda do reino de Deus, uma nova realidade. Esse reino é mencionado mais de 120 vezes no Novo Testamento, na maioria das vezes por Jesus. Ele falou a respeito de três reinos; o primeiro era o reino deste mundo; o segundo, o reino que está às portas, muito perto, em nosso meio; e o terceiro, o reino por vir. Já falamos a respeito do reino deste mundo e o que ele tem a oferecer e, para abreviar, falaremos do reino que já está aqui, pois é uma amostra do reino vindouro.

Que reino é esse? Bem, em primeiro lugar, não é o que você espera. Nunca é. Veja, Deus gosta de aparecer de formas inesperadas: em um arbusto ardente, em um sussurro, em uma jumenta falante, em um menino com um estilingue, em um bebê na manjedoura, em um carpinteiro, na cruz. Deus ama surpresas. E portanto, a fim de estar aberto a essa realidade do reino, primeiro deve ocorrer uma mudança. Devemos, como disse Jesus, nos arrepender.

A Verdadeira Realidade do Reino

Jesus iniciou Seu ministério com as seguintes palavras: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.” Alguns de nós já ouviram que o significado da palavra arrepender é voltar ou mudar e a associamos com o deixar nosso pecado. Se pecamos, necessitamos de nos arrepender, de nos afastarmos dele. Isso é verdade, mas a palavra grega para arrependimento é *metanoë* e, assim como muitas palavras gregas, tem diversos significados. *Metanoë* também pode significar pensar de forma diferente. Em outras palavras, Jesus está anunciando que é tempo de começar a pensar de forma diferente, porque o reino de Deus está aqui. O arrependimento está associado à fé e é instado no evangelho como essencial à salvação. Paulo pregou a respeito do arrependimento. Ele disse: “Jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.” (Atos 20:20, 21). “Sem arrependimento não há salvação.” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 365)

É uma ideia poderosa o pensar de forma diferente. Na verdade, uma empresa usou esse slogan para dar uma guinada em seus negócios, passando da quase bancarrota para uma das mais bem-sucedidas empresas de todos os tempos, e a única empresa no mercado mundial que não perdeu seu valor durante a recessão. Que empresa é essa? A Apple.

Então, para estarmos abertos à realidade do reino de Deus, necessitamos pensar diferente, mas como? Pensar como? Felizmente, Jesus também nos deu a resposta. Cercado por um grupo de homens instruídos e honestamente buscando discípulos, Jesus disse: “Em verdade vos digo: Quem não receber o

reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele.” (Marcos 10:15) Por que nos devemos assemelhar às crianças? Quero dizer, não gastamos muito tempo e dinheiro para crescermos e deixarmos nossa maneira infantil para trás? Posso sugerir que o motivo para Jesus dizer que necessitamos nos tornar como crianças tem que ver com a capacidade da criança de sonhar e de imaginar e de crer no impossível; crer que o conto de fadas realmente existe.

Então, usemos essa ideia, o pensamento de pensar diferente, como criança, a respeito da realidade do reino de Deus. Exploreemos como Jesus descreve o que é o reino. A descrição mais clara do reino de Deus foi dada por Jesus em resposta aos discípulos de João Batista, enquanto seu mestre estava na prisão. Mesmo João Batista, aquele que veio para proclamar a vinda do Messias, aquele que identificou o Messias, que ouviu a voz de Deus declarar que Jesus era o Filho de Deus, estava perplexo nessa outra realidade. Além do mais, se o Messias viera para estabelecer Seu reino, então por que João estava apodrecendo atrás das grades?

Jesus deu resposta às dúvidas de João ao dizer-lhe o tipo de coisas que acontecem no reino. (Ler Mateus 11:4-5.)

Jesus prossegue pelos evangelhos, para explicar o reino como um lugar onde o quebrantado é restaurado; onde o pior dos pecadores, é o primeiro a entrar; um lugar que permeia cada aspecto de nossa vida e pode, de fato, suscitar o bem em nós; um lugar tão surpreendente que quando o descobrimos, desistimos de tudo para tê-lo. É um lugar que está aberto a todos que o aceitam. É um reino que não é medido pelos títulos ou pelo número de pontos na conta bancária ou pela profundidade de nossas covinhas, mas pela forma como você é amado e ama os outros. É um reino generoso, um reino onde abunda a graça, um reino que dá sentido à vida, um reino mergulhado na esperança, voltado para o amor e disponível a nós para nele entrarmos agora, neste momento. Não o perca.

“Lembre-se: Cristo arriscou tudo; ‘tentado como nós’, Ele arriscou até mesmo Sua existência eterna na questão do conflito. O próprio Céu foi posto em risco por nossa redenção. Aos pés da cruz, com o pensamento de que por um pecador Jesus teria deposto Sua vida, podemos estimar o valor de uma alma.” (GCB – The General Conference Bulletin, 1 de dezembro de 1895, par. 22)

Jesus arriscou tudo para vir e nos dar uma nova história. Um teólogo do terceiro século, Orígenes, descreveu o reino de Deus ao dizer que Jesus é o auto basília, que significa que o próprio Jesus é o reino de Deus. Seja onde for que a presença de Jesus esteja na terra, a maldição do Jardim do Éden começa a ser revertida. O surdo passa a ouvir, o cego, a ver; o aleijado, a caminhar; o morto é ressuscitado; o desanimado encontra esperança, o perdido, direção; e o pecador indigno, como eu, compreende que de fato temos muito mais valor diante de Deus do que nos seria possível imaginar.

HISTÓRIA PESSOAL: Alguns anos atrás, enfrentei uma tempestade de ansiedade que me dominou por meses. Em meio a essa tempestade, eu criei uma realidade alternativa, outra história, que não a que Jesus me estava tentando dar. Da perspectiva de minha história, sem dúvida eu fracassaria. Certa manhã, minha amada esposa entrou no quarto, enquanto eu estava aninhado em um travesseiro ensopado pelas lágrimas. Energicamente ela pegou minha mão e tirou-me da fábula que eu criara e levou-me ao conto de fadas do reino de Deus. O que ela me disse, foi como se Deus me estivesse dando a mensagem, dizendo o quanto eu era amado e como o Pai nunca me deixara e nem me abandonaria. Ela retratou um quadro da realidade do reino onde o único que importava era fato de eu ser amado e de que Aquele que me amava me chamara e sempre estaria comigo. Por mim mesmo eu não conseguia ver essa história. Com sua ajuda, comecei a ver essa realidade nos meses seguintes. Lentamente, comecei a deixar o reino deste mundo e a história que eu criara e comecei a viver o reino de Deus e a história de que Ele veio, viveu e morreu por mim. 1 Coríntios 2:9 diz: “mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.” Assim, comecei a enxergar com novos olhos, a ouvir com novos ouvidos e há momentos em que você até mesmo me pode ver dando pulos. Porém, para começar a aceitar essa versão da história e deixar a fábula para entrar no “conto de fadas” realmente verdadeiro, eu tive de pensar de forma diferente, mais como uma criança, e pude assim novamente crer no impossível.

O apóstolo Paulo aprendeu a viver nesse reino. Antes de Jesus o cegar na estrada de Damasco, Paulo tinha tudo: estima, poder, riqueza, influência, educação. Ele estava no topo do reino deste mundo. Porém, depois de conhecer Jesus, Paulo escreveu: “Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, de veras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo.” (Filipenses 3:7-8). A tradução A Mensagem da Bíblia, diz isso de forma um pouco mais enfática: “Sim, todas as coisas que um dia considerei importantes nada mais valem na minha vida. Comparado com o alto privilégio de conhecer Cristo Jesus, meu Senhor, em primeira mão, tudo o mais é insignificante – estérco. Joguei tudo no lixo para abraçar Cristo e ser abraçado por ele.”

Aprender a Viver no Reino

Paulo aprendeu que as coisas deste mundo, sem Jesus, não têm sentido. Ele aprendeu que a coisa mais importante é conhecer Jesus Cristo e que tudo o mais, sem Jesus, é lixo. Educação, riqueza, poder, conforto e o sonho

americano... tudo isso é nada sem o conhecimento de Jesus. Foi essa crença que permitiu a Paulo cantar louvores a Deus na cela da prisão; escrever cartas de alegria e ânimo enquanto apodrecia preso a correntes, dirigir-se à morte cantando hinos de louvor devido à realidade na qual ele vivia não ser deste mundo. A realidade de Paulo era o reino de Deus e nada e ninguém podia tirá-lo dela. Eles poderiam despi-lo de suas vestes, mas nunca poderiam tocar em seu título como filho do Deus vivo. Poderiam espancá-lo com paus até ele perder os sentidos, mas nunca poderiam extinguir o fogo em seus olhos. Poderiam cuspir em seu rosto, mas a única forma de impedi-lo de proclamar as boas novas do reino de Deus era tirando-lhe a vida, o que ele alegremente consentiu para estar com Jesus.

E assim com esse tipo de paixão as boas novas do reino de Deus se propagaram como fogo no mundo antigo. Mercadores e escravos, jovens e idosos, o doente, o pobre, o moribundo e os párias aceitaram as boas novas e a proclamaram em alta voz pelas montanhas e esquinas. Passou de doze para milhões de crentes, no que pareceu apenas alguns momentos nas páginas da história.

O que atraiu tantas pessoas e tão rapidamente? Foi simplesmente a história que, de tão boa, tinha de ser verdade; a história acima de todas as histórias, o lugar onde a maldição é revertida: a história do reino de Deus. Foi essa história que permitiu a centenas de milhares de seguidores, na igreja primitiva, enfrentar bravamente a morte, pois não podiam pensar em voltar para o confinamento de suas histórias anteriores. Eles criam no “conto de fadas” e sabiam que era a única história verdadeira e assim estiveram dispostos a morrer pela verdade.

Há algo em sua vida pelo qual vale a pena viver? Algo pelo qual você morreria? Posso sugerir uma nova realidade? O reino do Deus vivo. Não é fábula. É o Caminho, a Verdade e a Vida, e Seu Líder estende para você Suas mãos perfuradas por pregos, nesta noite, pedindo, implorando-lhe para crer.

Fábula ou conto de fadas? A escolha é sua.

Transformando o Mundo

Lucas 5
Tim Gillespie

O show pirotécnico de San Diego, Califórnia, EUA, está entre os mais impressionantes do mundo e atrai milhares de pessoas. O show do ano passado foi descrito, por todos os relatos pessoais e jornalísticos, como épico. Eu assisti ao vídeo; caso você não o tenha assistido, faça-o. Aparentemente, foi uma falha no computador que fez com que três das quatro barcaças repletas de fogos de artifício explodissem sua carga em um intervalo de cerca de nove segundos. O vídeo é impressionante; três barcaças estourando sua carga de fogos de artifício ao mesmo tempo.

Aguardando por Algo

Para mim, o fato mais interessante não foram as explosões dos fogos de artifício, mas a multidão que permaneceu no local por cerca de 35-45 minutos, até ouvir uma voz pelos alto-falantes que, basicamente, disse: “Hum, isso é tudo, pessoal. Sinto muito.”

As pessoas queriam mais. Estavam aguardando pelas tênues luzes lilases que passavam para as cores branca e prateada. Estavam aguardando pelos fogos vermelhos, brancos e azuis que os faziam recordar a infância – e criar lembranças para seus filhos. Elas aguardavam pelo final.

Você sabe como é quando se é criança – você fica perguntando se ou não esse foi o final, e seus pais respondem: “Não ainda; espere.” E você mal consegue esperar. Simplesmente quer ver o final. Quando chegava o final você sabia, pois era diferente e valia a pena ter esperado por ele.

Porém, aquelas pessoas em San Diego experimentaram o começo, o meio e o fim da experiência com fogos de artifício – em nove breves segundos! Então, foram deixadas esperando por um final que nunca aconteceu. Simplesmente ficaram esperando, expectantes, por um fim.

O noticiário cobriu a história com palavras como: “desapontamento” e “enfado” na espera do final que já havia acontecido.

Realmente é uma vergonha que elas não puderam usar esse tempo para outra

coisa. A soma de todos aqueles minutos e segundos, de todas aquelas pessoas, poderia ter literalmente transformado o mundo se tivesse sido bem empregada. Mas elas estavam apenas esperando pelo final.

Recentemente, voltamos de uma Reunião Campal no norte da Nova Inglaterra; um lugar fantástico, com gente fantástica. Foi uma experiência maravilhosa; quatro pessoas lindas foram batizadas na divisão de Jovens e de Jovens Adultos; e pudemos visitar um dos lugares mais antigos da história de nossa denominação. Foi uma oportunidade ótima e gratificante!

Ao chegarmos no aeroporto, em Boston, descobrimos algo desalentador: Nosso voo atrasara! Embora isso não incomodasse a maioria das pessoas, eu tinha três filhos e seus vários aparelhos eletrônicos estavam sem bateria. Sem dúvida uma situação difícil. Os meninos seguiam se metendo em problemas. Queriam averiguar tudo o que os rodeava. Eles não se estavam comportando bem; e, por isso, eu também não!

Parecia que nunca iríamos partir. Para cada minuto de atraso do avião, eu sentia como se tivesse esperado por uma hora. Os meninos criavam problemas, estavam cansados, eu estava aborrecido e também a minha esposa.

A questão é que quando você está apenas esperando, o tempo não passa, deixa muito espaço para você se meter em encrencas.

Um Grande Desapontamento

Por que digo isso? Porque somos um povo que experimentou um grande desapontamento. Porém, ainda anelamos por essa bendita esperança que queima em nosso coração; a esperança da vinda do Senhor. E no tempo de espera, estamos mantendo nossas vestes limpas, da melhor forma possível.

Alguns de nós temos a ideia de que o motivo para a vinda de Jesus foi simplesmente nos salvar de nossos pecados e, no devido tempo, nos levar ao Céu. Porém, consideremos as palavras de Jesus e vejamos o que Ele cria ser o motivo para Sua vinda: “Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.” (Lucas 4:16-21, ênfase acrescentada.)

O que Jesus estava dizendo? Seria possível que estivesse dizendo que a justiça, a paz e a equidade estavam para ser estabelecidas para sempre?

Sua resposta: SIM!

Esmiuçar o Texto

Sabemos que Jesus não deixa margem para mal interpretar a clara afirmação que fizera. Não há brechas, não há evasivas. Se você se parece comigo, gosta de fazer afirmações sólidas e então se certificar de haver deixado para si uma saída, uma brecha e uma pequena porta nos fundos a fim de que se alguém tiver um argumento melhor sempre haver uma forma de “livrar a cara”.

Porém, Jesus não deixou tal espaço. O tempo da justiça, da paz e da reconciliação estava agora entre nós, conforme Ele anunciou em Sua vida, morte e ressurreição. Ficou claro que não se tratava de simplesmente ou de apenas nos salvar, mas também de declarar as boas novas ao pobre.

Mas, paremos por um instante e façamos a pergunta: “Quais são as boas novas para o pobre? São as boas novas de que, uma vez que deixar esta vida miserável, a próxima coisa que verá é Jesus Cristo e a viagem ao Céu?”

Sem dúvida! Essas sempre serão as boas novas para o rico, para o pobre, para o paupérrimo, para o milionário e também para a classe média. Você sabe o que mais é bom para o pobre? Alimento, vestuário, água, abrigo. Essas coisas criam em nós a capacidade de prosseguir. Algumas vezes, as boas novas são que pode imediatamente aliviar a situação. Nossas boas novas ao pobre pode algo que transforme sua situação na vida? Que o ajuda a viver no reino de Deus atual? Nossas boas novas são apenas novas para o futuro ou são as boas novas também para nós hoje?

O governo sob o qual Jesus viveu era corrupto e opressor; por todas as partes o abuso gritava – extorsão, intolerância e opressiva crueldade. No entanto, Jesus não tentou fazer uma reforma civil. Não atacou os abusos nacionais, nem tampouco condenou os inimigos da nação. Não interferiu com a autoridade ou com a administração dos que estavam no poder. Ele, que é nosso exemplo, manteve-Se afastado dos governos terrestres. Não porque fosse indiferente às misérias humanas, mas porque o remédio não se encontra nas medidas meramente humanas e externas. Para ser eficaz, a cura deve alcançar os homens individualmente, e deve regenerar o coração. (Ellen G. White: Maravilhosa Graça, p. 16)

Será que nossas boas novas somente assumem a forma de um folheto ou de um livro, ou elas assumem a forma de roupas ou de alimentos? Eu sei do que preciso quando estou com fome – quero dizer, quando estou fisicamente com fome – e você também.

Ao Se ajoelhar, com a bacia e a toalha nas mãos, Jesus redefiniu a grandeza.

Ao proclamar as boas novas e então, ao pô-la em prática, Ele reivindicou as boas novas para o reino presente de Deus. Precisamos desesperadamente dessa redefinição. “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.” (Romanos 14:17) Os filhos de Israel se tornaram em uma má representação do reino vindouro de Deus.

Na televisão e na mídia, nós fazemos escolhas com base naquilo que vemos na propaganda de um show, de uma série ou de um evento da mídia. Ao assistir aos trailers da Apple você pode ver o que está no horizonte e o que já está acontecendo na experiência e produções da mídia. Mas, algumas vezes, as propagandas do que vemos nos deixam totalmente desinteressados de gastar nosso tempo assistindo ao que quer se seja oferecido.

Em outras ocasiões, o contrário é verdadeiro, quando a propaganda excede em muito a experiência. Assistimos a propaganda de uma nova série e nos dois minutos que a assistimos desejamos a experiência. Então nós a assistimos e percebemos que somente aqueles dois minutos valiam de fato serem vistos.

Até a vinda de Jesus, a propaganda do reino de Deus era muito ruim. Os filhos de Israel não tinham dado ao mundo uma expressão do caráter de Deus no qual muitos estavam interessados. O trailer não levava ninguém a desejar assistir ao filme. Até então, eles definiam a grandeza pelo simples fato de serem o povo escolhido e por terem a “Lei”, e suas tradições e herança. A pobreza e a aflição eram sinais da desaprovação divina; dificilmente essas era as boas novas para o pobre e aflito; a lei nem mesmo eram as boas novas aos que lutavam para guardá-la sem o auxílio do Salvador, porque a lei condena e aponta o pecado.

Então, temos aqui um mundo que necessita desesperadamente das boas novas e temos um Jesus que anuncia essas boas novas além das meras palavras. As boas novas de Jesus vão além do argumento teológico e se tornam pessoais. Tornam-se em carne.

As boas novas têm pele, respiram, vestem-se e bebem. As boas novas se tornam a cura física e uma comunidade que revelava tudo, que compartilhava tudo e que se certificava de que ninguém estivesse com fome, frio ou aflito, na medida do possível.

As boas novas do Céu se tornam as boas novas hoje, em sua vida e em seu cotidiano, despertando e girando em torno das pessoas. Não foi meramente projetada para o reino de “algum dia em breve”; ele é para HOJE. Hoje é o dia de as boas novas da justiça, da paz, do discernimento, e da liberdade serem proclamadas. “Algum dia em breve”, iremos experimentar a culminação de todas nossas esperanças e sonhos no estabelecimento do reino glorioso e eterno de Deus; o Céu inicia aqui e agora.

O Rei e o Reino

Começo a ficar excitado porque quando as boas novas são reais e presentes, não há como não se emocionar. Creio esse foi um dos motivos pelos quais os discípulos não jejuaram enquanto estiveram com Jesus. Eles sabiam que havia muitas boas novas e não mais queriam seguir sendo estoicos.

Mas essas boas novas eram difíceis de serem digeridas pelas pessoas da igreja. Eram demasiadas e pareciam estranhas. Eram muito inclusivas o que significa que você tinha de amar o inamável.

Veja, a esta altura, Deus estava cansado de atos de justiça. As assembleias do povo se tornaram teatrais e seu culto era algo de que Deus estava excessivamente cansado de consumir. Isso havia acontecido antes – leiamos **Isaías 1:10-17** (a despeito das aparências, ele está falando a Jerusalém!):

“Ouvi a palavra do SENHOR, vós, príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, povo de Gomorra. De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? — diz o SENHOR. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem vos requereu o só pisardes os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas.”

E, novamente, em **Isaías 58:1-10**:

“Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados. Mesmo neste estado, ainda me procuram dia a dia, têm prazer em saber os meus caminhos; como povo que pratica a justiça e não deixa o direito do seu Deus, perguntam-me pelos direitos da justiça, têm prazer em se chegar a Deus, dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta? Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho. Eis que jejuais para contendias e rixas e para ferirdes com punho iníquo; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto. Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma, incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum

e dia aceitável ao SENHOR? Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? Então, romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do SENHOR será a tua retaguarda; então, clamarás, e o SENHOR te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia.”

Este é o chamado de Deus para as pessoas boas da igreja saírem! Ele queria mais que suas representações teatrais, mais que suas ofertas, música e culto. Ele queria que a vida deles refletisse Seu amor de forma tangível, com corpo, com compaixão, de forma real e poderosa.

AME MAIS, é sempre o grito do SENHOR a Seu povo.

Ele é claro e vemos em 1 João 3:16-18 a função da igreja: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.”

É sempre difícil quando Jesus define algo, porque o faz de forma diferente. Sempre achamos que sabemos o que Jesus queria dizer. Mas raramente Ele disse o que as pessoas pensavam que Ele dissera.

Basicamente, Jesus estava dizendo que seguir a Cristo era humilhar-se em um mundo que se exalta.

As boas novas significam um novo conjunto de valores, uma nova trajetória, um novo foco, uma nova orientação e um novo estilo de vida. As boas novas do reino tangível de Deus não é uma disciplina espiritual que praticamos, mas uma nova forma que orienta toda a vida. Como ilustração, pense em encontrar os pontos cardeais da vida. Quando você surfa, você usa um determinado ponto na praia. Quando você navega, busca um ponto no horizonte, um ponto no mapa. Qual é seu ponto de orientação quando se trata da jornada da fé?

É importante que seu ponto de referência, quando se trata do reino de Deus, seja tangível. Ele necessita ser algo que tenha pele. É por isso que o serviço cristão, ou a capacidade de servir um ao outro sem pensar em recompensa, é tão importante para uma vida de fé saudável no reino de Deus. Ignorar as obras maiores da compaixão é, literalmente, perder o rumo; é ver o reino de Deus como aquele show pirotécnico, onde tudo aconteceu nos primeiros nove segundos e agora você segue esperando pelo final. Isso é ficar enfadado no reino de Deus, o que não faz sentido!

As boas novas significam que devemos crer que há um reino e que esse reino tem um rei.

Permitam-me explicar:

Para muitos cristãos há essa má compreensão de que a vinda de Jesus à terra foi simplesmente para nos salvar. Mas, como vimos nos textos acima citados, Ele veio para mais do que simplesmente a salvação espiritual, veio para criar uma nova economia com base nos princípios do reino de Deus. Ellen White descreve o lançamento do ministério de Jesus registrado em Lucas 4:18-21, como segue:

“Jesus Se postou diante do povo como vivo expositor das profecias concernentes a Si próprio. Explicando as palavras que lera, falou do Messias, como de um libertador dos oprimidos e dos cativos, médico dos aflitos, restaurador de vista aos cegos e revelador da luz da verdade ao mundo. Sua maneira impressiva e a maravilhosa significação de Suas palavras arrebatarem os ouvintes com um poder nunca antes por eles experimentado. A corrente de influência divina derribou todas as barreiras; viram, qual Moisés, o Invisível. Sendo seu coração movido pelo Espírito Santo, respondiam com fervorosos améns e louvores ao Senhor.” (DTN, p. 158, 159)

E, ao longo dos anos, com muita frequência, as comunidades têm perdido o senso de missão e caído em uma expressão de Jesus baseada nas crenças intelectuais em vez de na compaixão. Mas o reino de Deus é um reino de compaixão. Sempre foi e sempre será.

Tiago diz claramente: “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo.” (1:27)

Somos solicitados viver um reino de compaixão e a manifestá-lo. Fazer isso significa que devemos abraçar a economia do reino, a forma de vida do reino e isso é algo belo.

Há muitos que creem na compaixão do reino e trabalham ativamente nele; porém, muitos se recusam reconhecer que esse reino tem um rei. E é aí onde o cristianismo tem a oportunidade de ser mais do que simplesmente uma boa forma de vida, ou um sistema de compaixão no mundo.

No melhor, cremos no reino e reconhecemos e prestamos culto a seu rei. Porém, com muita frequência ocorre que os cristãos iniciam sua jornada de fé ao reconhecerem o Rei, mas se recusam a participar de Seu reino. Eles aceitaram a explosão da graça em sua vida, mas nunca conseguiram fazer com que sua fé fosse tangível. Aceitaram a Jesus como Salvador, mas O negam como Senhor. Foram batizados na água para a purificação dos pecados passados, morrendo para sua vida passada, mas não ressurgiram no poder do Espírito Santo na vida do novo reino em Cristo. Aceitar a Jesus como Salvador e negá-Lo como

Senhor deixa muitos crentes com nada para fazer, com lugar algum aonde ir e eles usam seu tempo assinalando os pecados dos outros na igreja.

Oh, se pudéssemos tão somente empregar essa energia para ser as mãos tangíveis de Cristo no mundo. Uma das formas mais poderosas de vencer uma religião apenas filosófica é envolvê-la em uma religião tangível.

Dois histórias ilustram em esse ponto:

Nesta semana, li em um e-mail uma história a respeito de um grupo de vendedores que assistiram a uma convenção fora da cidade, alguns anos atrás. Ao correrem para o terminal do aeroporto a fim de pegarem seu voo, um deles, acidentalmente, esbarrou em uma banca com maçãs.

Eles seguiram correndo para o aeroporto enquanto as maçãs voavam para todos os lados e rolaram pelo chão. Um deles, sentindo uma pontada de compaixão pela menina cuja banca fora derrubada, disse aos companheiros para seguirem sem ele e para dizerem à sua esposa que ele pegaria o próximo voo.

Então, voltou ao terminal onde as maçãs estavam espalhadas pelo chão. Ele ficou feliz por ter voltado. A jovem de 16 anos era totalmente cega! Ela estava chorando e as lágrimas rolavam-lhe pelo rosto, frustrada e, ao mesmo tempo, tentando sozinha reunir o produto derrubado, enquanto a multidão se desviava dela, sem que ninguém tivesse parado ou se apiedado de sua situação.

O vendedor se ajoelhou junto dela e começou a recolher as maçãs, colocando-as de volta na mesa e ajudando-a a reorganizá-las. Ao fazer isso, notou que muitas das frutas ficaram batidas e machucadas e assim as colocou em outra cesta. Ao concluir a tarefa, ele pegou a carteira e disse para a menina: “Por favor, pegue \$40 pelos estragos que eu causei. Você está bem?”

A menina assentiu em meio às lágrimas. Então ele seguiu falando: “Perdoe-me eu não queria estragar dessa maneira seu dia.” Quando o vendedor começou a se retirar, a menina cega o chamou: “Senhor...”

Ele deu meia volta para olhar aqueles olhos cegos.

“O senhor é Jesus?”, ela perguntou.

Ele parou no meio da rua e ficou pensando. Lentamente voltou ao terminal para pegar o último voo, com aquela pergunta queimando em sua alma: “O senhor é Jesus?”

Outra história

Certa vez, Abraham Lincoln foi a um mercado de escravos e, tocado de compaixão, fez uma oferta por uma jovem negra. Ele ganhou o leilão e saiu com sua “propriedade”. Havia uma expressão sombria e zangada no rosto da menina, porque sabia que esse seria outro homem branco que a havia comprado

e que iria abusar dela. Enquanto se distanciavam do grupo de escravos, Lincoln disse para a menina: “Você está livre.”

- O que o senhor quer dizer? -, ela perguntou.
- Significa que você está livre.
- Isso quer dizer que eu posso ser o que eu quiser?
- Sim, você pode ser o que quiser.
- Isso significa que eu posso dizer o que eu quiser?
- Sim, você pode dizer o que quiser.
- Isso quer dizer que eu posso ir aonde eu quiser?
- Sim, você pode ir aonde desejar.

Então a menina respondeu: - Irei com o senhor.

Li essa segunda história para ilustrar outro ponto. Quando você conhece Jesus, você fica com Ele.

Com muita frequência, pensamos que nossa ortodoxia (nossa crença correta) tem, de alguma forma, vivido no reino de Deus. Mas temos, frequentemente, esquecido que nossa ortopraxia (ação correta) é o que fazemos no reino de Deus.

Nossa fé se tornou semelhante ao das pessoas e San Diego, aguardando pelo final, enfadadas, desapontadas e inertes – esperando pela Segunda Vinda sem considerar os que estão feridos ao nosso redor?

Para os adventistas do sétimo dia há um Rei, e Ele tem um reino.

Não é função da igreja fazer o serviço por você, antes é facilitar oportunidades para que você se envolva.

Independentemente de sua paixão, sua igreja deve ajudá-lo a vivê-la!

Ministrar em sua paixão é uma parte enorme do viver no reino de Deus.

O culto deve ser um tempo para vir e celebrar os momentos de Deus que tivemos como testemunhas e para servirmos à comunidade maior.

Mas, por muito, muito tempo, a frequência à igreja tem sido o ponto alto de nossa semana espiritual; palavras bonitas são proferidas, excelente música nos leva à presença de Deus, mas com frequência há pouco ou nenhum tempo para expressar nossa gratidão a Deus pela forma de nos conduzir no descobrir e fazer em nosso viver no reino, todas as semanas, meses e anos, e a cada segundo de cada dia.

Porém, se nos assentamos e nada fizermos, Deus Se enfadará de nossas reuniões. Unamuno, o filósofo espanhol, fala sobre o aqueduto romano na Segóvia, na Espanha. Ele foi construído no ano 109 da era cristã. Por 1.800 anos ele conduziu a água fresca das montanhas para a cidade quente e sedenta. Cerca de seis gerações beberam de seu fluxo. Então surgiu outra geração, uma recente, que disse: “Esse aqueduto é uma maravilha majestosa e deve ser preservado para nossos filhos, como uma relíquia. Iremos aliviá-lo de seus séculos de trabalho.”

Dia 4

Os valores culturais contrários

Por Alex Byan
Mateus 5:1-16

O Reino do Céu é Importante

O reino do céu foi – e é – um tema muito importante para Jesus. Na verdade, alguns dizem que enquanto Ele esteve na terra falou do céu mais do que qualquer outro tópico. O reino, aparentemente, era a realidade mais importante. Jesus contou muitas parábolas a respeito do reino (Mateus 13). Ele contrastou o reino do céu (o reino de Seu Pai) com os reinos inferiores deste mundo (Mateus 4:8-10). Ele descreveu Sua missão ao trazer o reino do Céu à terra (Mateus 4:17). A oração de Jesus “venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mateus 6:10) nos mostra que Deus deseja que os modos e maneiras de Seu reino conquistem os modos e maneiras dos reinos deste mundo.

O reino do céu era – e é – um tema muito importante para Jesus. Um reino, é claro, tem um rei. Deus é o Rei de Seu reino – Pai, Filho e Espírito Santo ocupam o trono. Eles estão no controle. Eles fazem as leis. A vida de Jesus descreve de que se trata o reino. Vemos em Sua vida compaixão, santidade, propósito, verdade e amor. Vemos em suas interações com o povo como as pessoas do reino devem viver. De Seus milagres de cura a Seus ensinamentos práticos a respeito do dinheiro, à Sua morte sacrificial na cruz, compreendemos os valores do reino. Jesus veio para revelar Deus, para nos mostrar como Deus quer que o mundo funcione. Cristo nos trouxe a “lei da terra”, que é, claro, fundamentada sobre a lei do amor (Mateus 22:37).

Nosso propósito aqui, contudo, não é identificar o rei, nem tampouco as leis e regulamentos do reino. Antes, iremos explorar a cidadania do reino. Quem faz parte desse reino? Em uma tentativa de responder a essa pergunta, exploraremos Mateus 5:1-14, que é o início do famoso “Sermão do Monte”. Você pode saber que esse ensino é o grande discurso do viver ético de acordo com Jesus – a vida vivida em harmonia com o reino de Deus. Mas nesses primeiros versos, Jesus primeiro deseja explorar a questão de o “que” realmente qualifica os membros do reino.

Requisitos para Ser Membro do Reino

Iniciemos lendo Mateus 5:1-2.

“Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo:”

Uma leitura rápida e casual desses versos pode deixar-nos com o sentimento de que não há muito para considerar além do básico, dos fatos desinteressantes. Jesus “subiu ao monte [...] e passou a ensiná-los”. Mas há muito mais na história! Sim, Jesus estava ensinando. Ele era um rabino, um mestre. E sim, o fato de que Ele se assentou era uma posição comum aos rabinos. Ainda, a palavra discípulo significa “aquele que aprende de um rabino”, o campo aberto e a inclinação natural do terreno eram um ambiente agradável onde ensinar. Tudo isso faz sentido. O que não faz sentido é que Jesus estava ensinando as multidões.

Aqui está o problema: os rabinos eram tradicionalmente muito seletivos a respeito de a quem iriam ensinar. Somente o melhor e mais brilhante entrava em sua sala de aula. Somente aqueles com boas relações políticas encontravam assento em seus anfiteatros. Somente os santos, justos e da devida linhagem, somente os judeus e somente os homens tinham permissão para se matricularem em suas escolas. Se você fosse mulher, não seria ensinada. Se fosse filho de um pobre, não seria ensinado. Se fosse doente, não seria ensinado. Se fosse gentil, definitivamente, não seria ensinado. Se você não reunisse esses padrões muito seletivos, simplesmente você era um azarado. Jesus está ensinando às multidões. Jesus está tratando as massas como dignas de serem ensinadas. Não usa um detector de “fervor”, testando o mérito daqueles que poderiam ouvir. Essa multidão é diversa: ricos, pobres, homens, mulheres, jovens, idosos, pessoas com coeficiente intelectual elevado ou baixo, pessoas com conhecimento doutrinário e aqueles sem nenhum conhecimento. A decisão de Jesus de ensinar as multidões – venha quem quiser – apresenta uma surpreendente visão nova dos membros do reino. Os portões que protegem a comunidade em seu interior estão sendo derribados. A ideia de que somente alguns são os escolhidos de Deus – Seus escolhidos especiais – está erodindo. Essa ideia é agora desafiada por Jesus.

Então, que tipo de pessoa Jesus vê no monte?

Verso 3: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.” Você alguma vez se sentiu “humilde de espírito”? Seu espírito alguma vez esteve para baixo? Você alguma vez se sentiu deprimido? As trevas o cercaram e você se sentiu totalmente desamparado? Alguma vez duvidou que a vida é boa? Alguma vez você questionou a existência de Deus? Alguma vez duvidou se sua vida é boa? Alguma vez perguntou: “Deus, o Senhor existe?” Alguma vez, você se sentiu vazio, empobrecido de espírito e alma?

Jesus diz que você é “bem-aventurado”. O que isso quer dizer? Você foi

escolhido por Deus. Ele está sorrindo para você. Ele o ama. Está feliz por você. Tenha ânimo. Você pode ter um tipo de alegria mesmo em meio à tristeza. O fato de você estar “depressivo” não significa que você foi, de alguma forma, separado de Deus.

Vivemos em um mundo onde a doença mental é, algumas vezes, vista com suspeita. Mesmo ainda hoje olhamos com menosprezo para os que necessitam de aconselhamento, que necessitam falar com um profissional da saúde mental. Algumas vezes, presumimos que a depressão significa que “a pessoa não está bem com Deus e com a vida”. Dizemos daqueles que têm dificuldade para crer em Deus que “são agnósticos, ateus, cépticos... que estão realmente em problemas com Deus”. Algumas vezes associamos o mau humor e a escuridão mental com a inadequação para o reino. Mas nos esquecemos das palavras de Jesus “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Mateus 27:46). Até mesmo Jesus, que não tinha pecado, sentiu as profundas trevas. Até mesmo Jesus questionou se Deus O havia abandonado. Essa experiência extrema teria levado qualquer um de nós a duvidar e até mesmo rejeitar a realidade de Deus. Porém, a experiência de Jesus nos mostra que a experiência humana não é evidência para a ausência de Deus. Podemos ser humildes de espírito; podemos viver, algumas vezes, com a alma atribulada.

Isso não nos torna amaldiçoados! Antes, somos abençoados. Somos amados. Somos convidados a sermos cidadãos do reino do céu, do reino de Jesus. Se hoje você estiver se sentindo deprimido, lembre-se, você é abençoado, é amado.

Jesus olha novamente para a multidão (verso 4): “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”

Não é pecado sentir tristeza. Até mesmo Jesus chorou com a família de Lázaro (João 11:35).

“Não foi, porém, simplesmente pela simpatia humana para com Maria e Marta, que Jesus chorou. Havia em Suas lágrimas uma dor tão acima da simples mágoa humana, como o Céu se acha acima da Terra. Cristo não chorou por Lázaro; pois estava para o chamar do sepulcro. Chorou porque muitos dos que ora pranteavam a Lázaro haviam de em breve tramar a morte dAquele que era a ressurreição e a vida. Quão incapazes se achavam, no entanto, os incrédulos judeus de interpretar devidamente Suas lágrimas! Alguns, que não conseguiam enxergar senão as circunstâncias exteriores da cena que perante Ele estava, como causa de Sua tristeza, disseram baixinho: ‘Vede como o amava!’ Outros, procurando lançar a semente da incredulidade no coração dos presentes, disseram, irônicos: ‘Não podia Ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?’ João 11:36, 37. Se estava no poder de Cristo salvar a Lázaro, por que, então, o deixou morrer?” (O Desejado de Todas as Nações, p. 373, 374)

Ser membro do reino não significa felicidade eterna. Podemos estar tristes

e ainda estar em sintonia com o Salvador. Podemos chorar – ainda que com nuance de ira. O pesar inclui a ira – ira contra nós mesmos, contra as circunstâncias, contra outros seres humanos, até mesmo ira contra Deus. As emoções fortes, associadas ao desapontamento e à perda, não são necessariamente contrárias a seguir a Jesus. A fidelidade a Deus não significa a eliminação dos sentimentos humanos. Você está sofrendo? Você não foi amaldiçoado. Creia que você é abençoado, que é amado de Deus.

Jesus prossegue (verso 5): “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.”

Nosso mundo não admira os mansos. A mansidão é vista como um defeito. Admiramos os que são poderosos financeiramente, que são athleticamente fortes, que são fortes em termos da definição estreita da mídia quanto à beleza. Gostamos das pessoas empreendedoras. Gostamos das pessoas confiantes. Gostamos de pessoas que pensam rápido. As pessoas lentas, feias, pobres ou fracas não recebem nossa admiração, não somos fãs delas. Claro, esses valores distorcidos podem, com frequência, serem vistos na igreja. Amamos os pregadores veementes, os líderes fortes, os cristãos fortes que resolvem as coisas. Mas e os mansos? Os fracos? Aqueles que vivem, com tanta frequência, nas fendas da vida? Então aparece Jesus e Ele nada diz a respeito de contratar um evangelista, o rico doador e a soprano perfeita como os únicos que têm acesso ao reino do céu: “Bem-aventurados os mansos”.

Então, novamente Ele olha para a multidão (verso 6): “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.”

Uau! Na comunidade cristã celebramos aqueles que são bem alimentados na justiça. Amamos os homens santos e as mulheres justas. Amamos os guerreiros da oração e os campeões no estudo da Bíblia. Amamos aqueles que dão o dízimo dos centavos e que não comem queijo. Aqueles que são bem nutridos – o remanescente do remanescente – os que são verdadeiros filhos de Deus! Mas aqui Jesus proclama uma bênção, uma palavra do favor de Deus para os sedentos e famintos. Jesus está destacando aqueles que não tomaram sua vitamina santa e que não estão consumindo três refeições minguadas da religiosidade diariamente. Jesus diz: “Bem-vindos ao reino aqueles de vocês que são espiritualmente famintos. Há espaço suficiente para aqueles que não são super santos.”

E Jesus prossegue (versos 7-9): “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.”

A misericórdia implica não em buscar a justiça quando esta é merecida. Ela é graça. A pureza do coração não implica em perfeição, mas em honesta confissão e em transparência – a pessoa de coração limpo admite suas faltas e

reivindica a graça de Deus; ela anela ser semelhante a Jesus. E os pacificadores? Aqueles que buscam a paz estão menos interessados em obter o que é justo; antes desejam trabalhar pelo bem comum – uma comunidade de graça.

Essas três qualidades podem ser-nos atraentes. Mas com muita frequência admiramos o oposto na religião: apreciamos aqueles que disciplinam o erro; gostamos de manter uma aparência de santidade, gostamos dos conquistadores. Misericórdia, pureza de coração e pacificação muitas vezes são deixadas de lado. Mas Jesus diz à Sua multidão de discípulos: “Traga-os para dentro, para o calor da sala de estar de sua vida.”

E então Jesus diz (versos 10-12): “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.”

Jesus fala aos homens e às mulheres sentados na encosta do monte para estarem atentos. Unir-se ao reino não é fácil. Você pode ser perseguido. Pode ser escarnecido. Pode ser torturado. Pode até mesmo ser morto. A vida no reino não é uma vida desfrutada atrás de muros de proteção. A cidadania na comunidade de Jesus tem um custo. Seremos perseguidos assim como o foram os profetas no passado. E quem é o perseguidor? Sim, às vezes, as forças seculares, profanas, malignas – como faraó, Acabe e Nabucodonosor. Mas os profetas também foram perseguidos por aqueles que diziam estar fazendo a obra de Deus. Em Mateus 21:33-46 Jesus conta uma parábola para ilustrar a longa história de perseguição – pelas mãos dos líderes religiosos. E, no final da parábola, os sumo sacerdotes e os fariseus entendem que Jesus estava falando a respeito deles. Que ironia! O povo que reivindica o status privilegiado no reino de Deus é o que guerreira exatamente contra esse reino. É um pensamento sombrio de que aqueles que se diziam mais santos, justos e religiosos, mas sérios a respeito de purificar a sinagoga e torná-la pura – eram exatamente aqueles que estavam causando maior estrago à igreja. O coração deles não era puro. Eles atavam fardos sobre os outros, mas não queriam erguê-los nem com o dedo mínimo (Mateus 23:4). E assim Jesus diz às pessoas na multidão, que já estavam se sentindo perseguidas, “Simplesmente pelo fato de os líderes religiosos os estarem perseguindo, não significa que vocês estão no caminho errado. Na verdade, esses homens, esses pseudo líderes religiosos, estão se opondo a Mim.” Nossa! Que coragem de Jesus ao definir corretamente os verdadeiros membros do reino!

As Responsabilidade do Reino

E então Jesus redireciona Seu sermão. Nesses primeiros versos Ele estava escancarando a porta para os deprimidos, tristes, humildes, aos espiritualmente marginalizados, aos pobres e aos que eram vistos como inferiores pela religião estabelecida.

Agora Ele chama as multidões à grandeza (Mateus 5:13-16):

“Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.”

Imagine o efeito dessas palavras sobre aqueles que acreditavam que sua vida não tinha valor. Jesus está dizendo: “Você pode fazer a diferença. Você pode realizar meu trabalho. Você pode tornar o mundo um lugar melhor. Você pode dar sabor e cor ao mundo. Você pode virar o mundo de ponta cabeça!” A mensagem de Jesus não é apenas de aceitação (vocês são amados por Deus e podem fazer parte de Seu reino), Sua mensagem é também de confiança (vocês são capazes de realizar grandes coisas para Deus com sua vida). “Eu os amo e espero coisas surpreendentes de vocês.” E as multidões que nunca haviam sentido a bondade de Deus e nem tampouco Sua confiança, ficaram maravilhadas.

Um Lugar para Todos

Para concluir, uma história.

Alguns anos atrás, minha esposa e eu planejamos uma festa para nossa filha em idade pré-escolar, Audrey. Você tem de considerar muito bem para fazer corretamente uma festa assim. Decidimos quanto ao tipo de alimento, quanto à decoração, as brincadeiras e as atividades manuais que seriam divertidas (sem fazer sujeira) para crianças de cinco anos. Chegou a noite da festa e tudo estava indo excepcionalmente bem. As crianças estavam felizes e os pais, com quem pudemos conversar, estavam satisfeitos. Em algum ponto durante a festa, nós convidamos todos os pais e as crianças para irem ao porão da nossa casa onde tínhamos um piano a postos para tocar enquanto brincávamos com o jogo das cadeiras. Colocamos dez cadeiras em um círculo, com os assentos para o

lado de fora – uma cadeira para cada criança. Minha esposa explicou as regras do jogo e as crianças tomaram assento. Eu comecei a tocar e, de acordo com a regra do jogo, as crianças se levantaram e começaram a correr em volta das cadeiras. Minha esposa removeu uma cadeira e eu toquei por alguns segundos, então a música parou. Dez crianças correram para as cadeiras remanescentes, todas conseguiram assento, menos um menino. Imediatamente ele olhou para seus pais e irrompeu no choro. Soluçando, correu até eles. Minha esposa e eu olhamos um para o outro com um olhar zombeteiro. Isso não estava ocorrendo como havíamos pensado. E eu comecei a tocar novamente – e nove crianças correram em um círculo. Minha esposa retirou outra cadeira. Toquei por mais alguns segundos e então a música parou. Dessa vez, as nove crianças correram e oito encontraram assento. Oito reivindicaram espaço, deixando uma menina excedente de fora. Imediatamente ela olhou para os pais e começou a chorar, correndo para seus braços. Minha esposa e eu olhamos novamente um para o outro com o mesmo pensamento: Se não fizermos algo rapidamente, a coisa irá de mal a pior! Então, instruímos todas as crianças (abaladas) a tentarem mais uma vez. Minha esposa colocou de volta as duas cadeiras. As crianças se assentaram. Comecei a tocar o piano e nenhuma cadeira foi removida. Toquei por alguns segundos e então a música parou. Então as crianças correram para as cadeiras. E todas encontraram assento.

Elas gritaram e gritaram para mim: “Pastor Alex, toque de novo! Pastor Alex, toque de novo!”

E repetimos a brincadeira até que as crianças (e meus dedos) estivessem completamente exaustos. O reino do céu tem assentos para todos. Há espaço suficiente para cada menino e menina, para cada filho de Deus. A música do céu convida a todos para se unirem na brincadeira celestial, repleta de risos, de alegria e de oportunidades para chamar outros para brincar.

Não importa sua posição na vida. Não importa as suas circunstâncias. Não importa seu passado. Deus tem um lugar para você. Você irá se unir à brincadeira e ocupar sua cadeira?

Dia 5

Uma mesa na terra, uma mesa no Céu

Por Eddie Hypolite

Marcos 2:13-17

Como você define quem tem permissão para entrar em seu círculo de amigos e quem é excluído? Você usa algum tipo de “teste de mérito” mental? Ele se baseia em sua religião ou posição social? Eles têm de ser cristãos e, de forma específica, adventistas? Eles devem ter amizade com pessoas boas no Facebook ou você é um pouco mais flexível?

Dividam-se em grupos e dediquem alguns minutos para responder à pergunta: Como você define quem faz parte ou não de seu grupo de amigos?

Se havia uma coisa, mais do que qualquer outra sobre Jesus, que incomodava os líderes de Seus dias e que confundia até mesmo os discípulos, era a forma de Jesus tratar as pessoas que eram párias sociais. Todos criam que quando o Messias viesse Ele iria restaurar a sorte de Israel, mas ninguém esperava que o reino fosse formado por todos e qualquer um na sociedade.

A inclusão dos “párias da sociedade” no reino e no favor de Deus era algo que ninguém esperava. E no entanto, foi isso o que tornou a vida e o ministério de Jesus tão belos ao se ler os evangelhos.

Marcos 2:13-17 faz um retrato do reino que Jesus veio estabelecer, não apenas na sociedade de Israel, mas também no coração de Seus discípulos.

Uma Mesa de Separação

Levi, também conhecido como Mateus, é um coletor de impostos. Ele é odiado tanto pelos judeus quanto pelos gentios porque coleta os impostos para Roma. O imposto era estabelecido pelos romanos, mas ninguém de fato sabia que imposto era esse, salvo os coletores de impostos. Portanto, os coletores de impostos tinham a prática de coletar um valor maior e ficar com o excedente. Levi era ainda mais odiado por ser um judeu cobrando impostos para Roma e era considerado pior do que os gentios. De acordo com todos os relatos, ele não era digno do reino e nem tampouco para ser discípulo. Como judeu, crescera na religião e fora membro dos Aventureiros, Desbravadores, do Clube de Jovens, da Escola Sabatina, de seus dias. Porém, de alguma forma, ao longo do caminho, ele foi atraído pelas luzes da cidade, assim como o filho pródigo, e

pensou que se ganhasse dinheiro rápido seria feliz. É curioso que alguns pegam atalhos no caminho da felicidade e ele cruzou a linha do ‘inimigo’ e começou a trabalhar contra seu povo.

Esse é o caso de muitos jovens que seguem pela estrada de Levi e que, cedo ou tarde, descobrem que buscar a felicidade longe de Deus é como descascar uma cebola; eles descobrem, no fim do dia, que estão vazios. Levi não sabia o que fazer para processar sua angústia; não podia frequentar a sinagoga, onde, provavelmente, experimentaria a rejeição de seu povo. Assim ele guardava para si mesmo sua angústia, até que Jesus, que costumava aparecer no tempo certo, apareceu.

O Poder do Amor

O verso 13 diz que Jesus, propositadamente, passa pela mesa onde Levi está trabalhando, e dirige-se diretamente a ele com estas palavras: “Siga-me!” Há algo profundamente simples a respeito do reino aqui e que não devemos perder.

Jesus não espera que as pessoas O encontrem; Ele vai ao encontro delas. Não somos chamados para esperar que as pessoas nos encontrem; o reino de Deus está ativamente buscando o perdido, indo aonde ele se encontra. O convite: “Segue-me” é feito para afirmar o amor de Deus por Levi, ainda que seja um pária social.

Se as pessoas sabem que são amadas e aceitas, mesmo quando se sentam na “coletoria de impostos” da vida e se tornam socialmente desprezadas, há um poder transformador de Deus que as capacita a saírem de onde estão e irem aonde Ele está. O mundo não se importa com o que sabemos até que saiba com o que nos importamos!

Três lições imediatas se destacam nesses dois versos (13 e 14).

1. Vidas capacitam vidas!

O ensino de Jesus que mais afeta as pessoas, em nossa sociedade, são os escritos em nossa existência diária. As palavras, os atos e a vida de Jesus eram um e o mesmo. O que Ele ensinava, vivia; e o que Ele dizia refletia quem Ele verdadeiramente era. Isso é o que fará as pessoas saírem de onde estão e nos seguir, ao seguirmos Cristo!

2. O amor consistente é impossível de ser ignorado.

A consistência é um subproduto de sentir o valor que Deus dá às pessoas que Ele envia a você. Os atos de Jesus pelos perdidos seguem consistentes por todo Seu ministério e vida. Jesus não ama por acaso, nem tampouco nós deveríamos amar por acaso. O amor é a dádiva mais proposital na experiência

humana, uma experiência que não é por acaso e por isso é que ela tem tal poder transformador.

3. Jesus Se associa aos párias.

Jesus disse a Nicodemos, em João 3:17, que Deus não enviou Seu Filho para condenar o mundo, mas para salvá-lo. Assim Ele mostra Seu compromisso com o ideal de passar mais tempo com os párias da sociedade e trazê-los para a verdade de reino de Deus. Qual é essa verdade? É o fato de que Deus associa Seu amor e vida com eles e o faz sem desculpas.

Marcos recorda que Levi se levanta e deixa seu posto na coletoria. Ele deixa tudo! Ele nunca mais pôde voltar atrás e não deseja voltar. Sua nova direção ultrapassa em muito sua realidade passada. Qual é o resultado dessa nova direção? Ele estende a Jesus e aos outros o amor do reino que lhe foi estendido. Ele passou sua vida de trabalho atrás de uma mesa cobrando impostos, exatamente o que o tornou um pária, mas agora ele estabelece uma mesa para Jesus em seu lar.

Uma Mesa para Jesus

Marcos 2:15 diz que Levi preparou uma grande festa, um banquete, para o qual convidou Jesus como o convidado de honra. Vejam quem mais ele convidou para a festa: à mesa com Jesus estão os cobradores de impostos, os pecadores e outros párias. Não é feita distinção entre eles e os discípulos. Marcos 2:15 simplesmente registra: “porque estes eram em grande número e também o seguiam.”

O banquete oferecido por Mateus a seus amigos ‘párias’ é lembrança do banquete das bodas à qual Jesus Se refere em uma de Suas parábolas do reino do tempo do fim, em Mateus 22. O banquete estava lotado com todos os tipos de pessoas, “boas e más”. O estranho a respeito dessa parábola é que aqueles que finalmente compareceram não haviam sido convidados de início. Os primeiros convidados não compareceram. Tudo estava pronto, a mesa havia sido posta, os músicos estavam prontos para executar a marcha nupcial; o rei estava à porta e o filho aguardando pela noiva, a igreja, mas ninguém apareceu. O rei envia os servos para lembrarem aos convidados do convite, mas eles estavam muito preocupados com seus próprios negócios e não tinham tempo para o rei e seu filho; alguns até se aborreceram com a insistência do rei e maltrataram e mataram os servos inocentes.

Pergunto-me a quem Jesus se referia nessa parábola. É fácil apontar imediatamente o dedo para os judeus, que mataram o filho do rei. Mas e quanto às pessoas religiosas de hoje; e quanto a mim? Estou tão ocupado com minhas realizações pessoais que desconsidero meu grande chamado na vida, o convite

do rei? Fico impaciente com aqueles que foram enviados pelo rei para me lembrarem de seu convite? Como saber. Então o rei acaba enviando os servos para fazerem o convite às pessoas nas ruas, a quem quer que encontrassem e a todos os que estivessem dispostos a vir. Não demorou e a sala estava lotada com os convidados.

Que bela imagem do amor inclusivo de Jesus pela humanidade perdida. Voltando a Levi, o convite que ele fez aos amigos ‘párias’ foi um poderoso testemunho de uma vida transformada pelo amor e aceitação de Jesus. Jesus chamou Levi de uma mesa que o separava da humanidade e da salvação, e Levi prepara uma mesa para Jesus que traz a humanidade e a salvação a um glorioso espaço.

Como sempre, há aqueles que não gostam da ideia de que o reino pode ser um lugar onde Jesus não tem favoritos, onde todos são igualmente amados. Assim, o verso 17 diz que eles reclamaram, mas Jesus deixa claro que o doente necessita de ajuda e que esse é o motivo para alcançá-los.

Lições da Mesa de Jesus

Os atos de Levi ao abrir seu lar não apenas a Jesus, mas também a todas as pessoas com quem tinha amizade, abrem quatro imagens muito importantes do reino e de Jesus as quais não podem ser ignoradas.

1. A mesa para Jesus nem sempre está ocupada com o óbvio.

Nunca devemos presumir que sabemos quem Jesus deseja salvar e quem não. Quando Jesus diz: “Quem quer”, Ele diz literalmente isso. Nunca presumamos julgar quem pode ou não ser salvo. Que sejamos uma igreja que nunca ponha a mesa do amor e da amizade apenas para o óbvio.

2. A mesa para Jesus é uma mesa aberta.

Muitos hoje temem a ideia de abrir as portas de nossa igreja para qualquer um e todos, mas o reino é para salvar ‘qualquer um’ e ‘todos’, a cada dia. Não podemos dizer em qual coração o Espírito de Deus escolhe agir. Somente conseguimos ver os resultados e então dar as boas-vindas à família a fim de que as pessoas possam também crescer em amor e graça. Que sempre nossa mesa esteja aberta, sabendo que Jesus especialmente toma assento nessas mesas.

3. Uma mesa para Jesus nos lembra quem costumava sentar-se ali.

Levi nunca se esqueceu de onde ele viera e quem costumava sentar-se à sua mesa antes de Jesus chamá-lo. É muito fácil para nós, como cristãos, nos esquecermos onde foi que Jesus nos encontrou e o quão longe Ele foi para

nos buscar. Jesus deseja que nos lembremos das pessoas que talvez tenhamos deixado para trás quando O encontramos. Ele deseja que nos lembremos de quem costumava sentar-se conosco e criemos um lugar para essas pessoas em nossas novas mesas. Devemos ter cuidado para não nos tornarmos “hipersantos” que olham com desprezo aqueles com quem antes se associavam, porque agora têm uma nova vida muito diferente da vida passada. Assim como Levi, quando encontramos essa nova vida em Jesus, devemos lembrar daqueles que ficaram para trás e criar um espaço também para eles.

4. Uma mesa para Jesus nunca desculpa, mas sempre defende os que estão ao redor dela.

Jesus nunca desculpou as pessoas que tomaram assento à Sua mesa. Ele sempre defendeu sua presença e motivo para tomarem assento com Ele. Jesus veio para mostrar, primeiro pelos atos e depois por palavras, que Deus estava verdadeiramente conosco. Ele não Se distanciou daqueles que os dirigentes do templo criam estar além da ajuda e do merecimento da salvação.

Vivemos em uma sociedade que não mais ouve as nossas palavras, mas sim as nossas ações. O velho ditado ainda é verdade: **“Os atos falam mais alto que as palavras!”** A vida e amor de Jesus em nós sempre serão conhecidas pela forma de defendermos os não amados e destituídos em nossa sociedade. Jesus deixou isso muito claro a fim que soubéssemos como viver com os demais e uns com os outros.

5. Por último, Jesus é o único caminho à mesa.

Voltando à parábola da ceia das bodas, o rei havia feito provisão para que cada convidado recebesse, à porta, as vestes para as bodas. Porém, alguns se recusaram usar a veste especial que havia sido preparada para eles. Nosso único acesso ao banquete do reino eterno, no tempo do fim, é o manto da justiça que Jesus gratuitamente provê através de Seu sangue precioso no Calvário. Nesse manto de justiça não há um único fio de fabricação humana; a nossa parte é simplesmente aceitá-lo.

Mas estamos felizes porque é Deus e somente Deus que toma a decisão final quanto ao acesso ao reino eterno, pois não conhecemos o coração das pessoas. Nossa parte é sermos generosos em nosso convite a todos os seres humanos e deixarmos a separação do bom e do mau apenas com Aquele que lê os motivos e os propósitos do coração humano.

Cada um de nós somos mesas para Jesus: nosso lar, nossas igrejas, as salas de aula de nossas escolas e até mesmo o Facebook, o Instagram e o Twitter podem também ser mesas para Jesus se escolhermos usá-los de forma a Lhe trazer glória.

Poderia ser que, em uma Igreja que luta para fazer com que o evangelho crie

Está dentro de você!

Por Brandy Kirstein

Lucas 17:21

A Southern Adventis University está localizada nas cercanias de Chattanooga, TN. Chattanooga é uma cidade amistosa, moderna e suntuosa com uma rica história. A maioria de seus habitantes desfruta de uma variedade de atividades esportivas ao ar livre e deliciosos restaurantes locais, sem imaginar o que têm abaixo dos pés.

A questão é que há duas Chattanoogas: a que vemos e a que não vemos. A que não vemos fica abaixo das ruas – uma confusão de edificações comerciais, sepultadas um século atrás, mas vistas apenas nos traços encontrados nos porões e nas passagens que uma vez foram o primeiro piso da cidade. Não vemos a cidade que Chattanooga enterrou com o objetivo de criar a que agora existe. Depois de uma série de enchentes devastadoras, no final do século XIX e começo do século XX, a cidade que começou como um posto comercial na Ross's Landing se reinventou. A tempo, eles levantaram uma área com 40 blocos da cidade em cerca de um andar. O segundo piso se tornou o primeiro, que passou a ser os porões. As janelas arcadas, muito altas, se tornaram na decoração ou janelas dos fundamentos. No que diz respeito à estrutura, isso deixa a cidade em certo risco visto que as vigas estão enferrujadas e os antigos edifícios estão desmoronando sob os novos que os substituíram. Não obstante esse feito tremendo de erguer uma cidade sobre a outra, tem sido grandemente ignorado na história da cidade. Quase não há documentação dessa realidade e a maioria da população de Chattanooga nem mesmo sabe de sua existência. Entrementes, a cada dia eles estão vivendo em uma falsa segurança, caminhando sobre os alicerces sob seus pés sem saber o que está abaixo.

Visibilidade X Invisibilidade

E se acontecer de um dia, a sala onde eles estão sentados simplesmente desmoronar e despencar de 12 metros? O que isso faria à sua percepção da realidade? Isso mudaria sua forma caminhar? Iriam eles subitamente se sentir inseguros de andar por Chattanooga? Ou por qualquer outro lugar? Depositamos muita fé naquilo que podemos ver, nas estruturas que são construídas ao nosso redor. Entrementes, há todo um mundo ocorrendo e do qual não temos

conhecimento. Você sabia que nossos olhos apenas podem ver algo à uma velocidade de 1/24 por segundo? Vemos na televisão 15 quadros por segundo; vemos o que se parece como um tremular, significando que há 15 instâncias que o olho não pode ver ou é capaz de processar.

As galáxias se movem com incrível rapidez, mas parece que estão imóveis, devido ao ponto de vantagem no qual nos encontramos. Já, um inseto que voa um ou dois centímetro e meio de nosso rosto poderá se mover mais rápido do que nos olhos humanos possam acompanhar, revelando assim que um objeto é considerado invisível, caso se mova rapidamente a uma certa distância que o olho e o cérebro possam processar. Mas ele é de fato invisível? O inseto diante de nosso rosto é invisível ao falcão (cuja visão é 3 a 4 vezes melhor que a nossa)?

Assim sendo, a invisibilidade se baseia em nossa percepção. Nesse caso, a invisibilidade não é de fato real! Se algo existe, então pode ser visto, mas esse talvez não seja sempre o nosso caso. Mesmo assim, somos obcecados por aquilo que vemos, que podemos tocar, ouvir e o que nossos sentidos nos dizem como se fosse a autoridade universal, quando, na verdade, o chão está para se abrir sob nossos pés.

Por favor, abram a Bíblia em Lucas 17:20-21. “Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.”

Um Reino Fora ou Dentro

Então, aqui estão os fariseus vindo a Jesus e, com sarcasmo, O desafiam. João Batista, três anos antes no deserto, proclamou em alta voz dizendo: “o reino do céu está próximo”. Desde então, dizer “dentro” parece mais exato. O motivo por que algumas Bíblias e estudiosos têm problemas com essa palavra é o fato de não crerem que Jesus poderia ter dito aos fariseus que o reino de Deus estava dentro DELES porque, obviamente, não estava, e assim os tradutores alteraram a frase de acordo com sua interpretação. Mas, se você considerar o contexto do verso, Jesus está contrastando o exterior com o interior. Ele diz que o reino de Deus não é algo que se possa ver. Portanto, não pode ser algo “entre eles” ou “no meio deles” ou algo que pode ser visto. O Comentário Bíblico Adventista traduz desta forma o verso: “O reino de Deus não é algo que você espera ver ao observar de perto com a visão natural. Você o descobrirá, de alguma forma, em seu próprio coração.” Ellen White nos ajuda a esclarecer essa passagem ao propor: “O reino de Deus começa no coração. Não busqueis, aqui e ali, manifestações de poder terrestre para assinalar-lhe a vinda.” (O Desejado de Todas as Nações, p. 355)

O Mistério do Reino de Deus

Jesus, ao dizer isso, estava diretamente lidando com o pensamento errôneo dos fariseus de que o Messias viria para elevar a nação judaica acima de outras nações no mundo político. Os judeus haviam transformado todas as promessas espirituais de Deus em promessas de poder e riquezas terrestres. Portanto, Jesus os corrige e diz: “Eu não estou falando de um reino feito de tijolos e de argamassa; estou falando a respeito de um reino de carne e sangue; não estou falando a respeito de quem governa a terra; estou falando a respeito de quem governa o coração; não estou falando de temas temporais; estou falando de assuntos eternos. O reino de Deus nada tem que ver com a vã ambição; com os direitos de nascimento, com a posição teocrática, de ricos e pobres, de bonitos e feios, de carteira de motorista ou da passagem do ônibus, do rol da honra ou da prisão; do cabelo ou da barba de Justin Bieber; nem dos calouros ou graduados da faculdade. Tem que ver com o coração.”

Alguém mais está aliviado por isso? Deus não decide quem Lhe pertence com base no que os outros veem, porque nossa visão é limitada de nosso ponto de vista. Ele faz a escolha com base no que você é e no seu potencial. Assim como quando ordenou a Samuel para ir e ungir o adolescente Davi; Ele disse: “O homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração.” (1 Samuel 16:7) Incrível!

Como vemos, os fariseus baseavam sua percepção do reino de Deus naquilo que podiam ver. O coração e mente humanos são-lhes invisíveis e também a nós; mas Deus, como o falcão, tem visão melhor que a nossa. Ele sabe o que de fato está sob nossos pés e se estamos caminhando seguros ou se estamos para cair. Jesus lhes está dizendo para terem fé, para crerem naquilo que não podem ver, porque Deus vê TUDO.

A realidade é, ainda que os fariseus compreendessem exatamente o que Jesus estava dizendo, não estavam interessados nesse tipo de reino. Eles queriam posição e poder no reino humano. Queriam um reino terrestre. Queriam um reino visível. Em contraste, Jesus prega o reino de Deus de um mundo tangível, visível, para um mundo interno, que não se pode ver, ou que pode não ser algo testemunhável pelos outros, salvo Deus. Pode não haver benefícios terrestres nesse tipo de reino.

O reino exterior tem os benefícios do prestígio, do poder, da popularidade; o interior, apenas a humildade e o amor – algo não muito apelativo àqueles que focam na vida aqui. Isso levanta uma questão: Que tipo de reino você está buscando? Pois, o que quer que seja que você esteja buscando, é o que você encontrará. E o achará. E irá alistá-lo como servo dele. Pois esses dois reinos

não são aliados. Ou você é cidadão de um ou do outro. O reino eterno muitas vezes tem uma gratificação imediata e apela mais para seus sentidos, fazendo-o sentir o que você deseja sentir, mas ele é enganosamente feito de estruturas inseguras e irreais (como Chattanooga).

O reino terrestre busca vantagens para si, resultando em relacionamentos ruins, pessoas feridas, desapontamentos, morte, destruição, escravidão, prisão e ódio. O reino de Deus se baseia em promessas confiáveis, ainda que a gratificação possa demorar. O reino de Deus é regido pelo Espírito Santo, dando-lhe a capacidade de ver e compreender o reino invisível do universo, onde se encontra a vida, a criação, a liberdade e o amor. As coisas espirituais são espiritualmente discernidas, e é por isso que o reino da terra envia o ladrão à prisão, mas o reino de Deus, dá-lhe a camisa e também os sapatos. O reino da terra contra-ataca, o reino de Deus dá a outra face. O reino da terra está constantemente lutando para se afirmar, mas o reino de Deus luta por elevar os outros acima de si mesmos. O reino da terra irá usá-lo e descartá-lo quando não mais necessitar de você. O reino de Deus, irá amá-lo incondicionalmente e irá estimá-lo e ajudá-lo a crescer na plenitude do que você pode ser.

Como o povo desse reino invisível se torna assim? Esse é o mistério do reino de Deus. Como algo tão grande cabe em alguém tão pequeno? Assim como a água na xícara, muitas vezes, o conteúdo se acomoda ao recipiente, mas não é assim com Deus. Quando o Espírito Santo ocupa nosso coração, Ele nos molda à Sua semelhança. Assim o físico é invertido e o recipiente deve moldar-se ao conteúdo. A forma como os outros o veem pode ou não ser mudada. Suas circunstâncias podem permanecer as mesmas, mas seu ponto de vantagem, o lugar de onde você vê o mundo, é mudado. No livro Testemunhos Seletos, vol. 3, p. 100, Ellen White diz: “O reino de Deus não vem com ostentação exterior. Vem pela suave inspiração de Sua palavra, pela operação interior de Seu Espírito, pela comunhão da alma com Aquele que é a vida. A maior manifestação de seu poder vê-se na natureza humana levada à perfeição do caráter de Cristo.”

O Reino é Agora

Por último, este verso é tão importante porque é um dos poucos versos que colocam o reino no presente. Não mais é algo pelo qual aguardamos, mas algo de que podemos participar AGORA. Quando decidimos nos unir a esse reino, experimentamos AGORA a paz em vez do distúrbio, a alegria no lugar do desespero, o amor em vez da solidão. E temos uma legião de anjos prontos a lutarem por nós contra os demônios, ao usarmos a verdadeira armadura de Deus, porque no mundo REAL nós não lutamos contra a carne e o sangue; as armas terrestres não funcionam no reino invisível. Devemos ter a espada do Espírito, o escudo da fé, o capacete da salvação, o cinturão da verdade, a

couraça da justiça e ter nossos pés protegidos pelo evangelho da paz. Então podemos permanecer firmes contra o que estamos batalhando. Temos então todo um reino nos auxiliando em oração, com anjos, e com o próprio Deus. Quem poderá ser contra nós? Somos um reino invencível, invisível!

Há muitas pessoas que escolhem Deus devido ao temor da outra vida. Elas desejam ir para o Céu. Mas como o Céu poderá ser um lugar melhor para você então se ele não é um lugar no qual você deseja viver agora? A glória do céu está com Jesus. Você pode tê-la agora. O reino de Deus pode começar em você agora – curando-o, transformando-o, regendo-o, protegendo-o, servindo e amando por seu intermédio e preparando uma eternidade a ser passada com você. O Céu é a continuação do que ocorre agora; ele não começa na Segunda Vinda – que será a manifestação externa do reino invisível atual. E ele será uma festa que você não deseja perder! Porém, até então...

Uma história real: Jessica Eaves, de Guthrie, Oklahoma, recentemente teve a carteira roubada por um homem, enquanto ela estava no mercado. A maioria das pessoas nessa situação, imediatamente, iria chamar a polícia, mas ela decidiu resolver o problema por si mesma. “Eu vi o homem no mesmo corredor em que eu estava”, a Jessica diz. “Ele ficou atrás de mim. Alguns corredores depois, eu me dei conta de que minha carteira havia sumido. Eu localizei homem em um dos corredores lotados e me aproximei dele”, ela prossegue. “Sou de uma personalidade impetuosa, mas fiquei tranquila e calma. Eu lhe disse: ‘Imagino que o senhor esteja com algo que me pertence. Vou-lhe dar uma escolha. O senhor pode devolver-me minha carteira e eu irei perdô-lo agora mesmo e até mesmo podemos ir ao caixa e eu pago as suas compras.’”

A outra alternativa? A Jessica chamaria a polícia.

“Ele meteu a mão no bolso da jaqueta e me devolveu a carteira”, ela lembra, acrescentando que o homem ficou muito agradecido por sua bondade e perdão. “Ele começou a chorar enquanto caminhávamos até o caixa”, ela diz. “Ele me disse que estava muito arrependido, enquanto seguíamos pelo corretor. Contou-me que estava desesperado.”

Ele gastou \$27 nas compras que incluíam leite, pão, almôndegas, biscoitos, sopa e queijo. “A última coisa que ele disse foi: ‘Nunca me esquecerei desta noite. Eu estou falido, tenho filhos, estou envergonhado e sinto muito.’”

“Algumas pessoas me criticaram porque eu não o denunciei, porém, algumas vezes, todo o necessário é uma segunda chance”, ela acrescenta.

Este é um exemplo do reino agora – não apenas o que ela fez por ele, mas a mudança que ocorreu em seu coração, resultante de sua graça. Instantaneamente ele se transformou de ladrão em um amigo. Como seria o mundo agora se o reino invisível se tornasse visível mediante o derramamento do Espírito Santo em nossa vida? Você não deseja fazer parte desse reino? O que você vê e experimenta no mundo nunca podem ser comparados com o que

A Semente de Mostarda Uma parábola para a comunidade

Por Dilys Brooks
Marcos 4:30-34

Vivemos em uma comunidade global. Com o uso da Internet e de aparelhos celulares, estamos sempre a poucos minutos de descobrir a última notícia e as últimas tendências. Até mesmo temos um novo vocabulário para a era de 24 horas de comunicação, com nossas comunidades virtuais e seguidores. “Tweeting”, “Google-ingi”, “Face Time”, e “Vídeos Virais” se tornaram parte de nossa conversa diária. Em um mundo acelerado, onde nossas necessidades são satisfeitas em instantes, não surpreende que possamos perder de vista o propósito de Deus para este planeta que chamamos de lar. Não surpreende que, embora pareçamos estar sempre conectados, podemos, de fato, estar mais sós do que nos damos conta.

Não é raro ver pessoas reunidas para o jantar ou em um passeio onde quase todos estão usando os aparelhos móveis, mantendo conexão virtual com alguém, enquanto ignoram as pessoas que estão diante delas. Foram-se os dias quando se esperava que conhecêssemos nosso vizinho e, não obstante, dizemos somos amigos de pessoas que vivem no mundo todo a quem nunca poderemos, de fato, conhecer face a face. Essa desconexão física tem afetado todas as camadas da sociedade, não importa em que região do mundo vivam. E ainda, de forma mais definitiva, tem afetado nossa comunidade da igreja.

Comunidade é definida pelo Dicionário Aurélio como: “Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica.”¹ Hoje, muitos negligenciam a reunião do culto, preferindo prestar culto “on-line”, enquanto outros não criam raízes permanentes com uma igreja porque apreciam a flexibilidade de estar com os amigos. Isso ocorreu comigo enquanto observava esse fenômeno ao longo de sete anos. Muitos de nós deixam de reconhecer que essa forma de vida não reflete o que a Escritura fala a respeito da comunidade.

Uma passagem da Escritura que destaca nossa necessidade de reajustar e de repensar nossa compreensão de comunidade se encontra em Marcos 4:30-32: “Disse mais: A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? É como um grão de mostarda, que, quando semeado, é a

¹ <http://www.merriam-webster.com/dictionary/community>

menor de todas as sementes sobre a terra; mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra.”

As multidões que seguiam o Messias não tinham certeza do que era o “reino de Deus”, e Ele, frequentemente, usava histórias e parábolas para explicar seu significado. A confusão era compreensível porque, como pessoas que descendiam de Abraão, Isaque e Jacó, eles eram desafiados pela ocupação e opressão dos romanos e esperavam a salvação do prometido Messias. Essas multidões haviam ouvido e respondido à pregação de João Batista. Conheciam o milagre no batismo de Jesus. Os demônios expulsos, pessoas curadas, alimentação miraculosa de milhares havia despertado neles a esperança de que talvez este, certamente, fosse o Prometido. Quando Jesus declarou que o reino de Deus estava aqui, muitas pessoas esperavam que Ele fosse de fato um guerreiro que os livraria e que estabeleceria novamente Israel como reino. Há uma expectativa quanto ao que sua comunidade iria se tornar. Quais são suas expectativas a respeito de Jesus? Elas se fundamentam no que Jesus fez em sua vida, ou apenas no que você deseja que Ele faça?

O que é o reino de Deus?

Por que não pregamos ou ensinamos a esse respeito antes, especialmente diante do fato de que essa é a mensagem de Jesus enquanto peregrinou por três anos pelas cidades poeirentas da Galileia? A primeira mensagem de Jesus depois de Seu batismo no Jordão foi: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.” (Mateus 4:17-18 e Marcos 1:15). Essa declaração revelou que há uma nova comunidade, sociedade e forma de vida que foram firmemente estabelecidas por Jesus. Essa nova comunidade vicejaria com Jesus, tendo-O como cabeça, chefe, líder e rei.

O método de ensino de Jesus era incomum. Os rabis, mestres religiosos e Seus contemporâneos usavam as histórias e as parábolas para explicar ideias teológicas. O tipo de história favorita de Jesus era muitas vezes condensada em uma parábola. A parábola é uma história simples, com personagens e atividades familiares que ilustram um princípio. Nem todos que ouviram essas histórias puderam prontamente compreendê-las. Na verdade, Jesus muitas vezes contou parábolas para grandes audiências e muitos ficaram inseguros quanto ao significado. Porém, Ele explicava em particular aos discípulos o significado de muitas delas. Ao buscarmos compreender o “reino de Deus”, devemos realizar um exame minucioso dessa história. Aqueles que vinham para ver e ouvir Jesus nunca ficaram desapontados, porque Ele muitas vezes usava coisas comuns,

simples da experiência deles para instruí-los a respeito de Deus. Você consegue retratá-los na margens do Rio Jordão, no Mar da Galileia, ou assentados nas encostas poeirentas por horas ouvindo Jesus? Alguma vez você ficou entusiasmado de ir para a aula? Alguma vez sentiu o desejo de ser o primeiro a chegar na sala para pegar um lugar bem na frente do professor? É assim como muitas daquelas pessoas que seguiam Jesus devem ter-se sentido. Elas estavam entusiasmadas de ouvirem os fatos interessantes que Ele lhes ensinaria naquele dia a fim de entenderem o que Ele queria transmitir.

O ambiente do texto nos coloca com Jesus, no meio de uma sessão de ensino, falando da popa do barco no Mar da Galileia. Não sabemos por quanto tempo as pessoas estiveram ali reunidas ou a que hora do dia foi. O que sabemos é que as multidões vinham para ouvir Jesus e Ele não as desapontava. Algumas das histórias registradas em Marcos 4 têm um foco agrícola a respeito do “crescimento”: o semeador (Marcos 4:1-20) e a parábola da semente (Marcos 1:26-29).

Quando consideramos essa breve passagem, podemos nos distrair com sua simplicidade e não compreendermos a importância da mensagem. Jesus afirma que essa pequena semente cresce e se torna maior que todas as outras hortaliças ou arbustos na horta. Nas versões em Mateus e em Lucas dessa história, Jesus se refere à planta desenvolvida da mostarda como uma árvore. “Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.” (Mateus 13:31-32)

“E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta; e cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos.” (Lucas 13:18-19).

É importante notar que a mostardeira não era a árvore mais alta que podia crescer na horta, pois a oliveira normalmente crescia acima das outras plantas. Portanto, o ponto para os ouvintes é que o reino de Deus não é determinado pelo tamanho da semente. Os ouvintes estavam familiarizados com o ser posto de lado pela classe governantes devido à ocupação de Roma. Ao escolher a semente da mostarda, Jesus estava deixando Seus ouvintes saberem que Ele estavam mais preocupado com o como eles iriam findar do que com o como iniciaram. A mostardeira comum naquela área da Palestina era a mostarda negra e era cultivada nas hortas e nos campos. As plantas podiam atingir três metros de altura. A semente da mostarda poderia ser vista como uma metáfora do potencial.² Havia um grande potencial de crescimento na semente, e havia um grande potencial nos ouvintes também. Eles necessitavam aprender a como liberar esse potencial. Como poderiam se tornar parte desse reino?

² Myers, A. C. (1987). *The Eerdmans Bible Dictionary* (738). Grand Rapids, MI: Eerdmans.

A Agricultura em vez da Guerra

“É como um grão de mostarda, que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra.” (Marcos 4:31) Ele simplesmente diz que o reino de Deus é semelhante a uma semente de mostarda. Jesus era contracultura. Usou a analogia com a agricultura para demonstrar o plano de Deus para a humanidade, que era antiético de acordo com a expectativa da nação que aguardava um rei guerreiro. Ele usa essa história para mudar, na mente dos ouvintes, o paradigma – da luta para a agricultura; da guerra para o culto; de César para a comunidade; do se apegar à lei para a graça. Um comentarista da Bíblia, R. P. Martin, afirma: “Porém, tudo sobre o ministério de Jesus contestava sua compreensão de quem deveria ser o Líder. Antes, Jesus tentou instilar nas mentes a perspectiva de que a estrada para Sua glória futura estava ligada ao caminho da cruz, com sua experiência de rejeição, sofrimento e humilhação.”³ Jesus disse: “Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto.” (João 14:6-7). As sementes contêm a vida em seu interior, porém, para que produzam vida elas devem morrer. Jesus afirma em João 12:24: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto.” O tamanho da semente não dita seu crescimento ou função. Contudo, as pequenas sementes brotam mais rapidamente e podem ser semeadas mais cedo. Essa diminuta semente cresce e se transforma em uma árvore formidável no tamanho e na quantidade de sombra e proteção que fornece a todos que ali buscam abrigo. Deus fez você, semente, para ser parte de Seu reino eterno. Ele colocou dentro de você todo o necessário, não apenas para sua sobrevivência, mas para a propagação do evangelho. Você está disposto a morrer, morrer para o eu, para seus desejos, para seus planos a fim de que Deus possa receber a glória?

Como eu afirmei antes, a audiência de Jesus tinha uma experiência em primeira mão com a agricultura – mais do que nós – o que significa que Ele não teve de explicar as condições necessárias para o crescimento dessa semente. Embora seja verdade que todos podemos recorrer ao “Google” para obter a informação a respeito da agricultura e do crescimento das sementes, caso não tenhamos experiência, talvez não compreendamos plenamente as lições na analogia de Jesus. A semente passa por um processo chamado “germinação” a fim de liberar a nova vida que há nela. Há três condições para que a semente germine: (1) o embrião deve estar vivo, chamado de “viabilidade da semente”.

3 Martin, R. P. (2003). Messiah. In C. Brand, C. Draper, A. England, S. Bond, E. R. Clendenen & T. C. Butler (Eds.), Holman Illustrated Bible Dictionary (C. Brand, C. Draper, A. England, S. Bond, E. R. Clendenen & T. C. Butler, Ed.) (1115). Nashville, TN: Holman Bible Publishers.

(2) Todos os requisitos de dormência que impedem a germinação devem ser resolvidos. (3) As devidas condições ambientais devem existir para a germinação.⁴

Uma vez satisfeitas as condições, a semente germinará e a nova vida, uma planta imatura chamada de muda, começa a crescer. A muda crescerá até a vida adulta e formará uma planta madura. Jesus passa da semente para a planta madura sem descrever o processo que faz com que a planta chegue à maturidade. Ele então afirma no verso 32 de Mateus 13: “o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos.”

No livro Parábolas de Jesus, lemos: “O embrião, contido na semente, cresce pelo desenvolvimento do princípio vital que Deus nele implantou. Seu desenvolvimento não depende de meios humanos. Assim é com o reino de Cristo. Há uma nova criação. Os princípios de desenvolvimento são diretamente opostos aos que regem os reinos deste mundo.” (p. 77)

Meditemos uma vez mais no que os galileus ouviram sobre a analogia do plantio. Também devemos tentar captar os indícios ocultos na fala. Os galileus ali presentes conheciam o valor e o custo da semente da mostarda. Valia a pena cultivá-la. Na declaração, Jesus afirma que eles são, de fato, escolhidos de Deus. Não obstante, sua tarefa era retransmitir o amor de Deus ao mundo. Jesus, Deus conosco, estava agora reestruturando o conceito que eles tinham do “reino”.

Hoje, os jovens também são convidados a viverem a contracultura e a rejeitarem a pseudo comunidade e a pseudo amizade criada no ciberespaço que parece estar chamando com cada trinado, tinido, e assobio de nossos aparelhos digitais. Jesus o está chamando para algo melhor. Você foi chamado por Cristo para se tornar a comunidade formada de acordo com o ideal de Deus para nós. As implicações para ambos os ouvintes dessa mensagem – então e agora – são que somos convidados a mudarmos nossa forma de pensar e a crescermos. Para que a planta cresça, a partir da semente para o pleno desenvolvimento, o agricultor deve regá-la, adubá-la, e podá-la para manter o ambiente excelente para o crescimento. As sementes produzem plantas e estas produzem mais sementes. Dessa única semente sabemos que haverá mais mostardeiras. Simples assim. No entanto, com o Messias nunca nada é simples.

Reino em vez de Nacionalismo

Embora seja verdade que as parábolas eram histórias teológicas com ilustrações contemporâneas, as histórias de Jesus muitas vezes deixaram os ouvintes perplexos e confusos. Marcos 4:33 afirma: “E com muitas parábolas

⁴ <http://en.wikipedia.org/wiki/Seed>



semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes.” Devido a nosso método de querer premiar a todos e não excluir ninguém, isso parece injusto. Porém, Jesus parecia muito à vontade com o mistério que cercava Seus ensinamentos. Uma peça de informação pertinente é deixada para refletir nessa definição de “reino”.

Reino é uma comunidade politicamente organizada ou a unidade territorial principal cuja forma de governo é dirigida por um rei ou rainha.⁵ Lembre-se de que aqueles que ouviam a história de Jesus esperavam, acima de toda esperança, que esse “reino” ao qual Jesus se referia iria expulsar os romanos e reestabelecer Israel à sua antiga glória, semelhante ao reino de Salomão, bem como introduzir um período de segurança, paz e de um mundo que adorasse a Jeová. Sejam sinceros. Pode-se argumentar que Israel era mais nacionalista; ou seja, tinham forte lealdade para com seu país e se orgulhavam dele. Israel pode ter crido que eles eram mais importantes do que outros países.

Um reino deve ter um rei; as pessoas juram sua lealdade a esse monarca que, por sua vez, promete cuidar de seus súditos. Jesus lhes oferece a oportunidade de confiarem e de dependerem do Deus Soberano em vez de em sua herança. Nós também, como jovens e adultos, devemos ter cuidado para não nos apegarmos a nossos pontos de vista pessoais às expensas do crescimento no reino de Deus. Não podemos estar mais preocupados com o manter as tradições adventistas do que com o crescimento do reino de Deus.

Normalmente, os reinos eram governados pela força militar e pelos conselheiros que aconselhavam o rei quanto a como governar seus súditos. Jesus, novamente, é contracultura e cria um reino onde o Rei morre por Seus súditos a fim de que eles vivam. Ele luta em nosso favor não por um reino terreno, mas por um reino modelado conforme o reino celestial de Deus, onde todos os súditos juram lealdade devido a seu amor e apreciação ao Rei. Quando cada um de nós aceita Jesus e se submete à Sua autoridade, como Rei, nossa fé cresce e se torna um lugar para que outros venham e encontrem repouso em Jesus.

Implicações para Nós Hoje

Estamos refletindo esse reino de Deus na terra? As condições espirituais centrais estão sendo satisfeitas a fim de vocês crescerem como esta semente de mostarda? Para que isso ocorra (1) Jesus tem de estar vivo em você, tornando dessa forma sua fé sustentável. (2) Você não pode permitir que nada ou ninguém em sua vida force essa semente de fé a ficar inativa, impedindo assim seu crescimento. (3) Você deve remover tudo em seu ambiente que impeça o Espírito Santo de avivar o pleno crescimento de Jesus em seu coração.

⁵ Merriam-Webster, I. (2003). Merriam-Webster's Collegiate Dictionary. (Eleventh ed.). Springfield, MA: Merriam-Webster, Inc.

Assim como a semente da mostarda não pode crescer se não forem satisfeitas as devidas condições do solo, essa semente de mostarda espiritual não pode crescer e reproduzir ou prover abrigo. Sou agradecida de que Jesus esteja pronto a nos ajudar a ter o ambiente e as condições otimizadas para que possamos crescer e amadurecer. Se essas condições não foram alcançadas em sua vida, por que você não pede a Deus para lhe mostrar hoje o que você deve lançar fora, cortar, limpar ou arrancar a fim de assegurar que o reino de Deus comece a crescer onde você está? Os que podem afirmar que as condições espirituais foram satisfeitas, não pensem que estão seguros! Assim como a planta é cuidada pelo jardineiros a fim de assegurar que alcance o pleno crescimento, nós também – você também – nos devemos submeter às mãos do Jardineiro. Jesus é o Jardineiro. Devemos nos submeter a Ele que mantém o ambiente ótimo ao longo das circunstâncias da vida para nosso crescimento. Ele nos irá podar, limpar, alimentar e nutrir. Infelizmente, não podemos ditar as condições ou orquestrar o tempo. Você está submetendo seus planos diariamente a Jesus? Você aceita quando Ele permite que outros consigam aquilo que você “deseja” antes de você? Você é capaz de ser agradecido, não importa os desafios que você enfrenta?

O mundo necessita desesperadamente de uma comunidade autêntica, doadora da vida. Como seguidores de Cristo, devemos partilhar as boas novas que Deus deseja prover a cada pessoa neste planeta. Nosso desafio e convite, hoje, é para que sejamos a semente de mostarda que cresce e se torna uma planta desenvolvida a fim de que as pessoas com quem interagimos em nossa família, igrejas, escolas e comunidades possam vir e encontrar descanso e abrigo.

Somente pela Graça

Gilbert Cangy
Mateus 20:1-16

Quando eu imigrei para a Austrália, em setembro de 1981, recebi o bom conselho de alguns amigos imigrantes, bem-intencionados, que haviam chegado ao país antes de mim. Eles sugeriram que eu deveria encontrar um trabalho imediatamente – qualquer trabalho – e não ser muito seletivo ou impor dificuldades, visto que minha prioridade seria alcançar, o mais rápido possível, minha independência financeira. Aceitei o conselho e dei a conhecer a meus amigos e membros da igreja que eu estava disponível para qualquer trabalho.

Pouco depois, meu novo amigo Kevin me procurou, depois do culto, e me disse que era gerente de produção e que havia uma vaga, no seu trabalho, que eu poderia preencher se assim o desejasse. Aceitei imediatamente e não perguntei o tipo de trabalho, em vista do conselho que eu havia recebido. O único que perguntei foi o local do trabalho, quando eu poderia iniciar e a que horas deveria me apresentar.

Imediatamente ele respondeu: “Na segunda-feira de manhã, às 5h.” Pensei que fosse brincadeira e esperei para que ele confirmasse; mas ele prosseguiu e me perguntou se eu tinha carro. Eu não tinha. Visto que o trajeto dele para o trabalho passava por onde eu morava, ele propôs me dar carona. Disse que, como gerente de produção, tinha de estar no trabalho às 4h30 e assim poderia me pegar às 4h. Além disso, disse-me para trazer uma troca de roupa. Senti-me pego em uma armadilha, mas era tarde demais para voltar atrás.

Isso ocorreu no meio do inverno e eu me agasalhava com meu casaco de dez dólares, comprado em um brechó, enquanto aguardava, sob a iluminação da rua, para ser apanhado. Logo chegamos no local de trabalho: era o mercado Flemington – um armazém de empacotamento e distribuição de frutas e vegetais. Assim que chegamos, o Kevin me explicou o trabalho: eu era o novo empacotador na linha de embalagem das batatas.

O Gerente de Produção

Grandes compartimentos de batatas sujas eram virados sobre uma esteira; elas eram lavadas ou escovadas, pesadas, empacotadas em sacos plásticos de

cinco quilos e seladas automaticamente. Esses pacotes iam para uma mesa rotativa onde uma senhora habilidosa encaixava cinco deles em grandes sacos de papel pardo; a partir daí eu entrava em ação.

Eu tinha de erguer o saco de 25 kg e colocá-lo sobre uma esteira, conectada a uma máquina de costura; no momento certo eu pressionava um pedal para costurar os sacos e empilhar 40 deles sobre uma plataforma. Eu tinha de usar um pequeno guindaste para transportar a plataforma até os fundos do armazém e voltar correndo; quando eu voltava, já havia cerca de 15 sacos cheios para refazer todo o processo; as máquinas não paravam (algumas vezes eu orava para que elas quebrassem). Esse era o meu trabalho. Quando às 10h soou o sinal para uma pausa, eu mal podia caminhar ou movimentar os braços – simplesmente repousei a cabeça sobre a mesa do refeitório e gemi e choraminguei.

Quando voltei para casa, à tarde, minha esposa quase não me reconheceu e imediatamente ordenou que eu pedisse demissão. Eu não faria isso. Seria vergonhoso desistir depois de haver dito em alto e bom som que faria qualquer coisa.

Depois de um mês de trabalho, meu amigo Kevin disse que o trabalho aumentara e me perguntou se eu estava disposto a fazer horas extras – duas horas por dia. Eu sentia muita dor, mas concordei. Novamente, algumas semanas depois, ele disse que os negócios estavam indo realmente muito bem e me perguntou se eu poderia trabalhar nos domingos. Novamente, concordei. A essa altura, meu amigo Kevin já não mais me dava carona; eu pegava o trem e nunca me atrasei. **Vocês conseguem imaginar que dia da semana era o meu preferido?** (Permitir que a audiência responda.)

O Sábado?

Sim, de certa forma era sábado, porque eu podia descansar.

Mas devo confessar que havia outro dia da semana que me deixava realmente animado – a sexta-feira – quando recebíamos o pagamento. Devido ao árduo trabalho e as longas horas, era sempre excitante ver como o envelope do pagamento vinha grosso.

Eu estava preparado para realizar esse trabalho pesado por longas horas, disposto a me privar de tempo de lazer e com a família, nos domingos, devido ao salário.

É assim que a sociedade funciona – quanto mais você trabalha mais você recebe. Você recebe o que merece.

De forma geral, a vida funciona assim; há um senso natural de justiça e equidade. Há leis que regem nossa sociedade – se você viver em seus limites, normalmente você se dá bem. Você faz o que é certo e é recompensado; você erra e é responsabilizado.

Você se esforça e estuda arduamente e então é aprovado no exame; se você

não se preparar, você ora com mais intensidade na hora da prova, mas mesmo assim reprova.

Você excede o limite de velocidade ou passa o sinal vermelho, e se torna uma celebridade – a foto de seu carro é tirada.

Você recebe o que merece; isso é ser justo.

Quando se trata da vida religiosa, o mesmo princípio se aplica.

Salvação em Outras Religiões Mundiais

No hinduísmo há quatro formas de “moksha” ou salvação – quando a mente humana é libertada do ciclo da vida e da morte e se torna uma com Deus.

1. A forma de agir – você observa as cerimônias, os deveres e os ritos religiosos.
2. A forma do conhecimento – você obtém total compreensão do universo.
3. A forma devocional – seus atos de culto.
4. A estrada real – a prática da meditação e as técnicas de ioga.

No budismo, o estado bem-aventurado do nirvana é alcançado mediante o Nobre Caminho Óctuplo.

1. Compreensão correta.
2. Pensamento correto.
3. Fala correta.
4. Ação correta.
5. Meio de vida correto.
6. Esforço correto.
7. Atenção correta.
8. Concentração correta.

No islã, é um ato equilibrado. No islã a salvação se baseia em uma combinação da graça de Alá e as obras dos muçulmanos. No Dia do Juízo, se as boas obras de um muçulmano se sobrepuserem às más, e se Alá assim quiser, você pode ser perdoado de todos seus pecados e então entrar no paraíso.

O bem que você faz cancela seus atos errados. Se você fizer uma peregrinação para Meca, você acumula um enorme crédito nos livros do céu. Se você morrer como mártir, defendendo sua fé, você terá acesso direto ao céu.

Salvação na Fé Cristã

E quanto ao cristianismo? O que Jesus tem a dizer a respeito de como entramos no reino de Deus, e como herdamos a vida eterna?

Um jovem procurou Jesus com essa preocupação. Ele foi a Jesus com a

pergunta valendo um milhão de dólares. É uma das histórias mais famosas e mais comoventes dos evangelhos.

“E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?” (Mateus 19:16)

Ao reunirmos as narrativas de Mateus, Marcos e Lucas, descobrimos que esse jovem era rico e bem-sucedido – era um líder em sua comunidade. Por que alguém como ele estaria interessado na vida eterna ou no reino de Deus? Ele tinha tudo, não é mesmo?

Marcos nos diz que Jesus estava de fato deixando um determinado lugar quando esse jovem correu até Ele e ajoelhou-se a Seus pés diante de todos. Isso denota o quão desesperado ele estava. **“Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”** (Ver Marcos 10:17-27.) Sabemos que a vida eterna não irá começar somente quando Jesus voltar pela segunda vez; o tipo de vida eterna, a qualidade eterna da vida com paz, contentamento, alegria, serenidade e serviço com propósito inicia aqui e agora, em antecipação da gloriosa Segunda Vinda de Jesus. Riqueza, posição e poder nunca podem conceder isso; nem tampouco a religião, pois esse homem também era religioso e disse que observava a lei, perfeitamente, desde criança.

O encontro desse jovem, rico, bem-sucedido e religioso prometia muito:

1. Ele fez a pergunta certa.
2. Veio com a atitude correta.
3. Dirigiu-se à pessoa certa.

Tudo indicava uma história com um final maravilhoso.

“Que farei para herdar a vida eterna?” “O que ainda me falta?”, ele perguntou.

Se a abordagem à vida eterna for a dos hindus, budistas e muçulmanos em termos do que deve ser feito, ele estava buscando algo mais para fazer. “E Jesus, fitando-o, o amou e disse: Só uma coisa te falta” (Marcos 10:21).

“CONFIE EM MIM.” A resposta de Jesus ao jovem pode ser resumida como “Confie em mim.” Dê a Mim o primeiro lugar em sua vida; Eu não posso ser apenas ‘mais uma coisa’ para salvá-lo; você construiu sua vida na busca de riqueza e posição e de atos religiosos que agora definem sua existência; você reconheceu que isso não satisfaz os anelos profundos do coração. Você agora Me procurou para simplesmente acrescentar mais uma coisa na sua lista de ações. Mas você necessita buscar primeiro o reino de Deus. “Confie em Mim.”

O jovem pegou sua calculadora, fez um cálculo rápido e quando ele olhou o montante, a Bíblia diz que sou rosto entristeceu. Isso iria custar-lhe muito. Desesperado, com toda sua guarda do mandamento, com todo o amor que Jesus poderia dar-lhe, ele saiu triste e não salvo. Ele não podia pôr Jesus em primeiro lugar. **Ele não podia pôr sua vida nas mãos de Jesus.** Ele não podia

cantar o último hino. “Tudo entregarei.” Ele saiu triste e não salvo.

Os discípulos que testemunharam esse encontro ficaram confusos e se engajaram em uma discussão com Jesus. Se esse rapaz que parecia ser o PRIMEIRO na linha do reino de Deus não pôde ser, quem possivelmente o pode? Eles não puderam deixar de perguntar: “Quem então pode ser salvo?”

“Jesus, porém, fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível.” E a afirmação final de Jesus foi: “Porém muitos PRIMEIROS serão últimos; e os últimos, primeiros.” Lembre-se desta frase, pois voltaremos a ela depois.

Para esclarecer essa verdade de Jesus, voltemos ao Mercado Flemington, ao armazém, de volta ao meu local de trabalho, ele nos dá uma parábola ofensiva, onde no juízo do tempo do fim o ingresso do reino de Deus está associado a uma cena do dia do pagamento, onde o princípio humano de “mais trabalho, mais dinheiro” é completamente desconsiderado; assim o título é: **A Parábola do Deus Injusto.**

Jesus Responde com uma Parábola Cheia de Surpresas

Ler Mateus 20:1-2.

“Porque o reino dos céus é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha. E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha.”

Aqui está o encontro do rico e do pobre. O rico proprietário sai cedo de manhã ao local de trabalho, onde os pobres estão reunidos e esperando para ver de onde virá o alimento para eles e para a família no dia. Ele são diaristas, aguardando para serem contratados para o dia de trabalho e para receberem o pagamento.

O rico proprietário é sábio. Ele sai cedo, depois de ter feito a lição de casa, e ver quantos trabalhadores necessitará para o dia. Ele faz o recrutamento e antes de seguirem para a vinha, fazem a negociação, barganham o salário e concordam com o valor de um denário para o dia – um salário generoso para aquele tempo. São 6 horas da manhã e está frio quando eles chegam na vinha, pegam as cestas e prendem-nas nas costas. **Três horas depois, o mestre nos surpreende.**

Ler Mateus 20:3-5

“Saindo pela terceira hora, viu, na praça, outros que estavam desocupados e disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram. Tendo saído outra vez, perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma”.

É a terceira hora – nove horas da manhã.

O propósito do mestre agora não é recrutar; ele tem um plano de trabalho e o recrutamento já foi resolvido. O texto nos diz que ele saiu e ao sair viu outros trabalhadores ali, sem terem trabalho. Esse senhor é diferente; ele não é movido pelo lucro, mas fica tocado pela sorte dos necessitados, que não têm trabalho.

Esses trabalhadores não têm direito ao pagamento de um dia de trabalho e sabem disso; dessa vez, não há negociação quanto aos salários. “Confiem em mim – eu irei pagar o que for justo.” Então o novo grupo sai para a vinha, sem barganhar, mas apenas confiando na justiça do senhor.

Imagine que você trabalha duro e que tenha barganhado seu salário e que começou a trabalhar às seis horas da manhã. O sol se levantou e você começou a suar ao subir os morros e ao as cestas começarem a pesar. Agora você vê todo um grupo de novos trabalhadores chegando; o que você pensa deles? Provavelmente eles não levam a sério o trabalho. Três horas depois o senhor nos surpreende novamente.

Ler Mateus 20:5.

“Tendo saído outra vez, perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma.”

Sexta hora: meio-dia.

Nona hora – três horas da tarde.

Movido de preocupação e compaixão pelo necessitado, o senhor ainda está recrutando trabalhadores. Parece que sua mente não mais está no plano de trabalho, mas ele é movido pela consideração pela sorte daqueles que ainda não têm pão para pôr na mesa naquela noite. Os salários não são mencionados, nem da parte do senhor, nem da dos trabalhadores. O senhor é incansável em seu desejo de satisfazer as necessidades das pessoas em detrimento de seu próprio bem-estar e ganho pessoal.

Lembre-se que você ainda está realizando um trabalho pesado, iniciado às seis horas da manhã. O que você pensa daqueles que chegaram na hora do almoço e então às três horas da tarde? Isso é ridículo, não é mesmo? Aqueles que chegaram ao meio-dia são os que apenas vieram para a segunda hora na igreja – para o culto; os que chegaram às três horas da tarde, são os que chegaram exatamente no início do sermão, sem participarem das preliminares. O que você pensa dessas pessoas? Como se já não tivéssemos o suficiente – agora começa a ser absurdo.

Ler Mateus 20:6, 7.

“E, saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados e perguntou-lhes: Por que estivesstes aqui desocupados o dia todo? Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então, lhes disse ele: Ide também vós para a vinha.”

Isso é totalmente ridículo – na décima primeira hora – às cinco horas da tarde ele recruta pessoas para trabalharem até às seis horas da tarde.

Agora o senhor entabula um diálogo com eles. Deseja saber porque ficaram ali o “dia todo” sem fazer nada. O senhor deve tê-los visto desde a manhã; e a cada vez que voltou, eles ainda estavam lá, e novamente às cinco da tarde. Sua resposta diz tudo: “Ninguém nos contratou.” Eles não eram empregáveis. Não tinham valor aos olhos de todo possível empregador que veio ao mercado. Porém, eles tinham algo a seu favor: não desistiram; ainda estavam na expectativa de uma oportunidade, naquela hora absurda.

Esse era o cenário perfeito para esse determinado senhor que fora cheio de surpresas o dia todo; esse senhor generoso tinha uma forma de aparecer na hora em que as pessoas mais necessitavam dele, quando as coisas estavam por desmoronar. Então, o novo grupo de trabalho também foi convidado para ir à vinha.

Esses são os que chegam para o hino final, para o almoço na igreja. O que você pensa deles?

Quando eles chegaram na vinha, receberam a orientação e pegaram as cestas – era o final do dia e os sinos soaram; o dia de trabalho findara. Chegou agora o momento de receberem o salário.

Mesmo agora o Mestre não nos surpreende.

Ler Mateus 20:8

“Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros.”

Todos formaram uma fila, com os que trabalharam por mais horas na frente da fila, é claro. Mas o senhor instrui o administrador a reorganizar a fila. “Os que iniciaram o trabalho às seis horas da manhã deveriam ir para o fim da fila enquanto os chegaram por último, deveriam estar no começo da fila?”

O senhor está reorganizando a fila de tal forma que o que está para acontecer seja visível e evidente a todos; a distribuição dos salários, o veredito, o juízo final, se quisermos, de fato será manifesto a todos que possam ver e testemunhar.

Obviamente, as pessoas que trabalharam arduamente não estão muito felizes, mas eles imaginam que o senhor não deseja constranger os que acabaram de chegar, porque irão receber apenas alguns trocados e terão inveja ao verem o que receberam os que trabalharam o dia todo.

Mais surpresas do dono da vinha.

Ler Mateus 20:9.

“Vindo os da hora undécima, recebeu cada um deles um denário.”

Os trabalhadores que recém-chegaram receberam o valor de todo um dia de

trabalho. Eles ficaram confusos e, provavelmente, desapareceram rapidamente, talvez pensando que houve engano no pagamento. Os que trabalharam o dia todo estavam rindo deles, pensando que estivessem fugindo do constrangimento da insignificância de seu salário, e lhes perguntaram: “Quanto vocês receberam?” O primeiro não ousou responder; o segundo apenas levanta um dedo; os que trabalharam o dia todo estão rindo às gargalhadas e perguntam: “Um pondion?” (um pondion é um duodécimo de um denário); mas recebem a resposta: “Não. Um denário.”

“Um denário? Um denário por uma hora de trabalho?” Imediatamente, os trabalhadores do dia todo começam a refazer o cálculo de seu salário. Se uma hora equivale a um denário, então doze horas correspondem a doze denários; a festa havia começado na vinha: eles estavam fazendo planos para calçados novos, para túnicas novas, para as férias com a família.

Ler Mateus 20:10, pp.

“Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais.”

Ler Mateus 10:10, up, a 12.

“Porém também estes receberam um denário cada um. Mas, tendo-o recebido, murmuravam contra o dono da casa, dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo, os igualaste a nós, que suportamos a fadiga e o calor do dia.”

Porém, quando o administrador coloca um denário na mão daquele que trabalharam o dia todo e diz: “Próximo”, ninguém se move; eles começam a murmurar como uma trovoada e chamam o senhor da vinha. Como o senhor ousa fazer isto? Como ousa tratar aqueles que trabalharam arduamente da mesma forma que tratou aqueles preguiçosos que somente trabalharam por uma hora – isso é muito ofensivo e injusto.

Ler Mateus 20:13-16.

“Mas o proprietário, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu e vai-te; pois quero dar a este último tanto quanto a ti. Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom? Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.”

Você se lembra desse ditado? O jovem rico via a si mesmo como o PRIMEIRO, e acaba como o último; os trabalhadores do final do dia viam a si mesmos como os ÚLTIMOS, e acabaram como os PRIMEIROS.

O que isso quer dizer? O que você teria feito se tivesse trabalhado o dia todo naquela vinha, naquele dia? O que você teria feito? O que eu teria feito no Mercado Flemington?

Essa história é um obstáculo ao nosso sentimento de justiça. Verdadeiramente ela é escandalosa.

Como regra geral nas parábolas, o rei, o mestre, o dono da vinha são sempre Jesus. Então a pergunta é: “Deus é injusto?”

Qual é a moral da história?

A chave para essa história se encontra na introdução da parábola:

“Porque o reino dos céus é semelhante...”

Essa história não diz respeito a um trabalho ou pagamento de fato; ela fala da entrada no reino de Deus hoje e do juízo de Deus no tempo do fim. A entrada no reino de Deus não diz respeito a quanto você é bom nem a quantas boas obras você fez; ela é uma dádiva de Deus. Essa é a forma de Deus prover a vida eterna. A eternidade é uma dádiva de Deus a todos os filhos indignos da raça humana. A graça, maravilhosa graça de Deus, é o ponto central dessa história. Todos são igualmente indignos de uma soma tão elevada, como um denário no dia; ela é dada pela generosidade do Mestre aos que sentem que não trouxeram nada para negociar na mesa da salvação, salvo seu profundo senso de sua necessidade da graça de Deus. Ela é mais prontamente aceita por aqueles que ainda estão na praça do mercado, às 5 horas da tarde, e que têm um senso definitivo de “inadequação para o trabalho”. Pois todos pecamos e carecemos da glória de Deus.

Nesse sentido, Deus é injusto quando se trata da vida eterna...

Se ser justo significa nos dar ou nos tratar como merecemos, como seria conosco se Deus nos tratasse de acordo com:

As promessas quebradas.

O coração endurecido.

A insensibilidade às necessidades dos outros.

Nossos preconceitos, nosso orgulho.

Os pensamentos e motivos impuros.

Nossa inveja e ciúmes.

SIM – Deus é injusto – e deveríamos nos alegrar por isso! Pois Ele não nos trata como merecemos.

Salmo 103:8-13

“O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem.”

Isaías 53:5, 6:

“Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.”

Efésios 2:8-9:

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.”

O Desejado de Todas as Nações, p. 25:

“Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. ‘Pelas Suas pisaduras fomos sarados.’ Isaías 53:5.”

Todos nós pecamos.

Todos nós fracassamos espiritualmente.

Cristo morreu como nosso substituto.

Devemos crer nesse fato; admiti-lo, aceitá-lo e confiar nele.

“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.” (João 1:12-13)

O resultado é a transformação espiritual operada pelo Espírito Santo.

“E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.” (2 Coríntios 5:17-19)

“Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.” (Marcos 1:14, 15)

Conclusão

(Inclua experiência pessoal ou use a história de Blondin.)

Conta-se a história do equilibrista francês, Blondin, que anunciou que iria

esticar um cabo sobre as Cataratas do Niagara, indo do lado canadense ao americano. Uma grande multidão se reuniu de cada lado. Quando o Blondin concluiu sua primeira travessia a multidão o aplaudiu e gritou e declarou que ele era o maior. Então Blondin pegou uma bicicleta especial, com ranhuras nas rodas e pedalou, atravessando a garganta; novamente a multidão ficou extasiada e gritou seu nome. Em seguida, ele pegou um carrinho de mão e fez novamente a travessia. Desta vez a multidão foi ao delírio e disse que não havia o que ele não pudesse fazer. Então Blondin silenciou a multidão e perguntou se eles criam que ele poderia atravessar o Niagara com alguém sentado no carrinho de mão; todos gritaram que não havia dúvidas de que ele fosse capaz fazer isso. Então o Blondin pediu um voluntário. A multidão emudeceu. Ninguém se apresentou.

Na pessoa de Jesus o reino de Deus foi trazido para junto de nós; ele está ao nosso alcance. Jesus diz a cada um de nós: “Está ao seu alcance – arrependa-se e creia – Eu o levarei para o outro lado. Eu lhe ofereço graça, perdão e um novo tipo de vida com propósito agora e, como seu Advogado, no juízo, no tempo do fim, um reino eterno glorioso, quando eu vier em breve para levar meu povo para o lar.”

Apelo

O que está impedindo o seu caminho? O que o impede de entrar o reino de Deus hoje?





